Governo do Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia
Universidade do Estado de Mato Grosso
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Campus Universitário de Sinop
Faculdade de Educação e Linguagem
Mestrado Profissional em Letras

Antonio Noel Dias Sanches

CONTOS E LENDAS SANTARENAS: uma proposta de letramento literário

Sinop – Mato Grosso
2020

Antonio Noel Dias Sanches

CONTOS E LENDAS SANTARENAS: uma proposta de letramento literário

Dissertação apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Letras, para obtenção do título de Mestre em Letras.
Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: Diversidade social e práticas docentes.
Orientador: Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani

Sinop – Mato Grosso
2020

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S211c Sanches, Antonio Noel Dias.
Contos e lendas Santarenas: uma proposta de Letramento Literário / Antonio Noel Dias Sanches. – Sinop, 2021.
87 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* (Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021.
Orientador: Dr. Antonio Aparecido Mantovani.

1. Leitura. 2. Letramento Literário. 3. Lendas. 4. Compreensão. I. Mantovani, A. A, Dr. II. Título. III. Título: uma proposta de Letramento Literário.

CDU 82.0

Ficha catalográfica confeccionada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

Antonio Noel Dias Sanches

CONTOS E LENDAS SANTARENAS: uma proposta de letramento literário

Dissertação apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Letras, para obtenção do título de Mestre em Letras.
Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: Diversidade social e práticas docentes.
Orientador: Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani

Data da aprovação: Sinop - MT: 27 de maio de 2021.

Banca Examinadora

_____

Orientador e Presidente da banca
Dr. Antonio Aparecido Mantovani
UNEMAT – Campus Universitário de Sinop

_____

Avaliadora Externa
Dra. Érica Antunes Pereira
USP – Universidade de São Paulo

_____

Avaliador Interno
Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho
UNEMAT – Campus Universitário de Sinop

_____

Avaliadora Suplente Externo
Dra. Juliana Primi
USP – Universidade de São Paulo

_____

Avaliadora Suplente Interna
Dra. Adriana Lins Precioso
UNEMAT – Campus Universitário de Sinop

AGRADECIMENTOS

Mesmo que, aparentemente, seja uma produção solitária, na verdade, uma dissertação é resultante de um trabalho coletivo e cada pessoa que contribuiu é merecedora de meu inteiro reconhecimento e de minha profunda gratidão. Esta foi produzida graças ao conjunto de pessoas que me ajudaram a torná-la possível. E foram muitas as que me ajudaram nessa tão valiosa.

Ainda afirmo que agradecer não é uma tarefa tão fácil porque não é possível abraçar e inclinar gratidão a todos que acompanharam e influenciaram minha caminhada no mister da descoberta da minha profissão. Sendo assim, curvo completa gratidão a todas essas pessoas.

Quero curvar inicialmente minha gratidão a Deus, razão da minha existência. Ele é quem me dá fé e vigor para vencer todas as adversidades que a vida impõe. Ele é o maior de todos os poetas, Deus, por isso, agradece pela dádiva de tecer em mim o sopro da vida.

Não poderia deixar de honrar e agradecer a CAPES pela destinação da bolsa a qual, de maneira muito singular ajudou-me muito durante todo o meu trajeto da minha cidade Santarém, no estado do Pará, até Sinop, no estado de Mato Grosso. Por isso, meus profundos agradecimentos a essa instituição tão nobre, que apoia a pesquisa, a extensão e os estudos de pessoas que desejam qualificar-se melhor para o ensino em nosso país.

Agradeço ao Programa Profletras que me oportunizou esse grande momento de conhecer novas estratégias de leitura e possibilitou uma vivência significativa com teorias que nutrem e ampliam nossos horizontes na melhoria da qualidade do ensino da Língua Materna.

Minha gratidão ao coordenador do Profletras em Sinop, professor Genivaldo Rodrigues Sobrinho pela valiosa contribuição em trazer informações esclarecedoras sobre o programa e nos incentivar nas inúmeras formações acadêmicas.

Com relação ao Programa Profletras, Campus Sinop, agradeço especificamente aos professores Antonio Aparecido Mantovani, Leandra Ines Seganfredo Santos, Neusa Inês Philippsen, Rosana Rodrigues da Silva, Albina Pereira de Pinho Silva, Cláudia Landin Negreiros, Marta Helena Cocco e ao professor Lima, meus mentores intelectuais durante dois semestres de

intensa busca por conhecimento.

Em destaque, direciono meu maior agradecimento ao Dr. Antonio Mantovani, meu orientador e maior incentivador. Por dividir comigo as angústias e alegrias que envolveram o processo de construção de um trabalho científico; por disponibilizar suas muitas horas de trabalho, seus telefonemas para conversar e sugerir materiais e dar ideias para me ajudar avançar neste trabalho. Meu eterno agradecimento por todo o processo de orientação.

Agradeço aos meus colegas, com os quais tive o privilégio de frequentar as disciplinas do curso de Mestrado Profissional em Letras. Foram dias de debates e trocas de conhecimentos que despertaram em mim o desejo cada vez maior de mergulhar no universo ao mesmo tempo solitário e de compartilhamento que envolve o processo de aprendizagem.

Ao ínclito colega e irmão Willerson Fidelis, companheiro de viagens literárias e proporcionador de importantes momentos de aprendizagem durante nossos longos diálogos sobre a vida e o curso. Um grande estimulador de sonhos.

Agradeço aos meus pais, Antonio Gomes Sanches e Rosa Dias Sanches "*In memoriam*", os quais sem a junção do amor entre eles não poderia ganhar forma. Aos meus estimados irmãos Rosenilda, Raimunda, Eulina, Eurídice, Iracema, Assis, Angelino, Virlane, e Eduvilda sempre amorosos. Sou muito grato pelo incentivo, por acreditarem em mim e, especialmente, por me incluírem em suas orações todas as vezes que precisei. E foram muitas. Quantas vezes eu senti a força das suas orações. Momentos difíceis, orações intensificadas, bênçãos recebidas. Aos meus cunhados Elenilza, Elson, Elcimar, Eilson, Eliana e Everaldo "*In memoriam*" pela força de incentivo e pelo calor das orações a fim de que eu fosse até o fim.

Àquela que é a inspiração da minha alma, o amor da minha vida, a princesa dos meus sonhos, minha esposa Linda Princesa, Eliete Maria L Sanches. Seu incentivo e apoio são asas para eu alçar voos mais altos.

Aos meus filhos gêmeos, Bruno e Victor Sanches, filhos amados da minha alma que repousam no ninho interior da minha afetividade. E aos meus netos André e Zoe Sanches. Eles são minha geração.

Às direções da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Aluízio Lopes Martins, professor Gesiney Vieira de Melo e da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rio Tapajós, professor Herbert Viana pela confiança em mim depositada.

A um dileto amigo e mais chegado que um irmão, Josivaldo Silva do Nascimento, pelas horas de fortalecimento e pela solidez de uma verdadeira amizade.

Aos queridos amigos e companheiros de profissão, Rodnei Bentes e Greice Goch, pelas indispensáveis contribuições que consubstanciaram este trabalho.

Agradeço, em especial, à minha prezada cunhada Elcimar Maria Lima Tavares pelo apoio imensurável na formatação deste trabalho. Atividade feita com muito esmero, paciência e zelo.

Por fim, reconheço que não consigo nominalizar a tantos e deixo de lado muitos amigos e pares de luta cotidiana, mas mesmo não citando seus nomes, deixo um inefável abraço e profundo agradecimento por terem me ajudado a tornar este sonho numa realidade.

Flui em mim uma linguagem que

dança Que se encontra com o

mundo que encanta

Trança e destrança sem perder a esperança de ser uma é terna criança

Sem desilusão, sem medo!

Num mundo onde o embalo da música torna se canção para um mundo melhor

Um mundo sem máculas, sem dores, sem preconceitos.

Um mundo, onde o menino das letras transformar-se-á em um adulto das palavras.

Noel Sanches

RESUMO

Ensinar literatura no seio da escola tem se tornado o epicentro das discussões de inúmeros estudiosos e de teóricos da área com debates voltados para a construção de estratégias didático-pedagógicas com forte interesse de contribuir na estrutura formativa do leitor literário. As teorias e pesquisas salientam essa forma de ensinar centrada na efetiva e eficiente leitura de textos literários. Nesse horizonte, o professor passa a exercer um papel fundamentalmente importante no desenvolvimento do comportamento leitor na vida do aluno, e, por conseguinte, nos procedimentos de ensinar por meio do letramento literário. As sugestões dessa proposta de letrar literariamente o aluno por meio de contos e de lendas caminham para ações pedagógicas centradas na técnica da mediação entre a obra literária e o leitor assim como no desenvolvimento de estratégias de leitura, de interpretação e, sobremodo, na formação de um proficiente leitor. “Contos e lendas santarenas: uma proposta de letramento literário” iria encaminhar-se para a aplicação, porém a pandemia inviabilizou a execução das estratégias. A covid-19 fez com que as aulas fossem suspensas bem no início das atividades letivas, não permitindo o retorno em tempo oportuno para o desenvolvimento dos passos sugeridos. Logo, pelo momento excepcional, segue como proposta a ser desenvolvida em turmas do ensino fundamental II. Ressaltamos ainda que este trabalho está vinculado a uma pesquisa qualitativa nos moldes da pesquisa-ação, voltada para o letramento literário, apresentando uma sugestão de proposta interventiva com a finalidade de contribuir na formação de leitores literários com base na leitura de dois contos da autora Marina Colasanti e, especialmente, na leitura e na produção de lendas santarenas. Compreendemos que há uma grande abordagem entre o saber e o fazer pedagógico para se formar um sujeito leitor. Para isso, estudiosos como Candido (1995), Colomer (2007), Cosson (2014) entre outros servem de aporte teórico para se fazer algumas ponderações sobre ensinar com o intuito de formar leitores críticos e autônomos. Com fundamento nesses autores, lançamos um olhar analítico e reflexivo sobre como ensinar leitura literária com a necessidade de fomentar aspectos formativos no desenvolvimento de um sujeito protagonista, crítico e reflexivo. Assim, o corpus das atividades é composto por dois contos da escritora Colasanti (2005) “No aconchego de um turbante”, “Com certeza tenho amor” e duas lendas santarenas “o Boto” e “a Mãe d’água”. A produção escrita seria organizada em forma de uma coletânea de lendas, além de um microfilme e a realização de um evento para divulgação das produções finais dos alunos. Por fim, as atividades visariam promover a leitura literária com a finalidade de contribuir na formação leitora de indivíduos na perspectiva de gerar pessoas autônomas no trato com textos literários.

Palavras-chaves: Leitura, letramento literário, lendas, compreensão.

ABSTRACT

How to teach literature at the heart of the school has become the epicenter of discussions by numerous scholars and theorists in the field with debates aimed at building strategies and didactic-pedagogical methodologies with a strong interest in contributing to the formative structure of the literary reader. Theories and research highlight this way of teaching centered on the effective and efficient reading of literary texts. In this horizon, the teacher starts to play a fundamentally important role in the development of reader behavior in the student's life, and, therefore, in the procedures of teaching through literary literacy. The suggestions and methodological steps of this proposal to literarily literate the student through short stories and legends lead to pedagogical actions centered on the technique of mediation between the literary work and the reader as well as the development of reading, interpretation and, especially, strategies, in the formation of a proficient reader. The proposal "Contos e legendas santarenas: a proposal for literary literacy" was going to be applied, but a pandemic made its execution unfeasible. Covid-19 caused classes to be suspended at the very beginning of school activities. And it did not allow the return in a timely manner for the development of the suggested steps. Therefore, due to the exceptional moment, it follows as a proposal. In accordance with the criteria of the Profletras program, the proposal would be applied with a class of 40 students from the 9th grade at the State School of Elementary and Secondary Education. Aluízio Lopes Martins in Santarém, Western Pará. We also emphasize that this work is linked to a qualitative research along the lines of action research, focused on literary literacy in the final grade of elementary school II, presenting an intervention proposal with the purpose of to contribute to the formation of literary readers based on the reading of short stories by the author Marina Colasanti and, especially, of Santarem legends, with young people aged between 13 and 16 years, students of the 9th grade of a public school in the municipality of Santarém. We understand that there is a great approach between knowledge and pedagogical practice to form a reading subject. For that, scholars like Candido (1995), Colomer (2007), Cosson (2014) and others serve as a theoretical contribution to make some considerations about teaching in order to train critical and empowered readers of autonomy. Based on these scholars, an analytical and reflective look is taken on how to teach literary reading with the need to foster formative aspects in the development of a protagonist, critical and reflective subject. Thus, the corpus of activities was composed of two short stories by the writer Marina Colasanti "In the comfort of a turban", "I certainly have love", and two Santarena legends "the Boto", "the Mother of water". The written production would be compiled in the form of a collection of tales and legends, as well as a microfilm and the realization of a sarau soiree. Finally, the activities aim to promote literary reading in order to contribute to the reading training of individuals in the perspective of generating autonomous people in dealing with literary texts.

Keywords: Reading**,** literary literacy, legends, understanding.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
2 LEITURA E LITERATURA: CAMINHOS QUE SE CONVERGEM 17
2.1 Definições sobre leitura 19
2.2 No limiar do letramento: conceituação e características 21
2.3 Letramento literário: uma experiência motivadora 24
3. ORIGEM E APLICABILIDADE DO ATO DE LETRAR 27
3.1 Ensinar textos literários: uma experiência por meio de contos e lendas 30
3.2 Comunidades tradicionais: os ribeirinhos de Santarém. 45
3.3 A linguagem ficcional do conto: o tecido encantador do texto literário 48
4. PERSPECTIVAS SOBRE A SUGESTÃO DE ATIVIDADES 55
4.1 Sugestão de atividades para trabalhar o letramento literário 60
4.1.1 O conto: No aconchego de um turbante 61
4.1.2 Leitura da Lenda do boto 63
4.1.3 O conto: Com certeza tenho amor 64
4.1.4 Leitura da Lenda da Iara ou Mãe D'água 66
4.2 Detalhamento das atividades 66
4.2.1 O conto: No aconchego de um turbante 67
4.2.2 O conto: Com certeza tenho amor 69
4.2.3 A Lenda do Boto 72
4.2.4 A Lenda da Mãe d'Água 75
4.3 Produto final 76
4.4 Uma breve reflexão entre teoria e prática 77
CONSIDERAÇÕES FINAIS 81
REFERÊNCIAS 85

1 INTRODUÇÃO

Com o avanço das amplas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) houve profundas mudanças nas interações sócio-comunicativas e isso levou à sociedade a buscar inúmeras ferramentas com a finalidade de promover uma comunicação mais rápida.

Dessa maneira, a multiplicidade de linguagem, mídias e suportes tecnológicos ampliaram as possibilidades de leitura do papel para o universo digital; da palavra para os muitos modos de dizer; do linear para os *links* que, como teias, conectam um número infinito de conexões textuais.

Evidentemente que a produção literária não ficou alheia a essas mudanças, pelo contrário, o espaço digital, de certa feita, ampliou a circulação de produções literárias e, ao mesmo tempo, trouxe um olhar mais significativo para o ato de fazer e de ler literatura, exigindo, assim, do homem contemporâneo, uma nova postura diante do texto visto e que este não possui a limitação física, permitindo, dessa forma, ampliar a possibilidade de uma construção coletiva na difusão do texto literário.

Diante dessas mudanças, torna-se factível a exigência de um leitor mais bem preparado, por isso não podemos mais pensar que basta apenas decodificar a letra. É necessário, sobremodo, ensinar para ir além, à decodificação das palavras.

É fundamental investigar as linhas, desvelando o dito para descobrir o não dito, de modo que, entrando na trama textual, o leitor preparado tenha proficiência leitora para construir sentidos a partir das possibilidades que o texto oferece.

Pensando no campo da literatura, entendemos que as atividades de leitura precisam passar por um filtro de planejamento, com fundamentações mais amplas e orientadas por uma perspectiva que tome o texto literário como objeto de estudo, posto que a linguagem literária exige procedimentos de leitura diferentes daquelas que usamos para ler uma receita de bolo ou um bilhete, por exemplo.

A complexidade e riqueza da linguagem literária requer um olhar mais apurado, um leitor mais atento que saiba dialogar com o texto no processo de construção de sentidos, de modo que, a cada leitura, o coadjuvante leitor aprimore suas estratégias de interpretação.

Diante disso, o trabalho de colaboração com o aluno, intitulado "*Contos e Lendas santarenas: uma proposta de letramento literário"* volta-se para desenvolver uma sequência de atividades organizadas com ênfase na leitura e na produção de lendas.

Ressaltamos ainda que a razão principal deste trabalho não é apenas fazer conhecido o texto de contos e de lendas para os alunos, mas também auxiliá-los na aquisição de um olhar mais apurado e crítico ao ler um texto. Enfocamos a importância das lendas santarenas para valorizar a regionalidade local com a finalidade de despertar no aluno um sentido de pertencimento com o local onde vive.

As lendas são narrativas contagiantes e, por fazerem parte do imaginário dos santarenos, pensamos em atribuir cor e sabor a duas lendas que percorrem os enredos da população. O objetivo, portanto, além de deixar conhecido o letramento literário por meio das lendas, é valorizar a cultura dos povos que moram em regiões ribeirinhas.

Destacamos que essa sugestão de proposta de atividades foi elaborada para atender as exigências do Mestrado Profissional em Letras, assim como contribuir na busca de melhorias no ensino de textos literários no ensino fundamental II no Município de Santarém. Proporcionando a formação do aluno/leitor como sujeito capaz de ler e interpretar um texto, associar ideias, instigar a busca do conhecimento.

Frisamos que a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Aluízio Lopes Martins, ambiente onde seria aplicada a proposta, em 35 aulas, sendo seis aulas semanais, agrega alunos oriundos da área de rios e planalto santarenos. São alunos que moram em comunidades distantes da zona urbana e que ainda mantêm muito forte a identidade cultural dos povos que vivem na Amazônia.

O lugar de onde vêm com suas crenças e costumes fornece uma riqueza cultural, na maioria das vezes, sufocada pela escola que, inserida no contexto de uma visão urbana, abriga diversas pessoas vindas dos mais diferentes e distantes lugares.

O conflito, assim, é inevitável, pois, por conta de algumas marcas culturais, os jovens geralmente são ridicularizados e menosprezados, daí que a vontade de pertencimento exige suplantar as origens culturais, a necessidade de ser aceito pelos grupos sociais existentes na escola implica

em negação da identidade cultural.

Desse modo, a escolha de lendas como marca da identidade santarena, mas não exclusiva, é uma marca de expressão cultural da regionalidade local. E serve como aporte para se trabalhar o letramento literário. Justificamos o uso desse gênero textual pela necessidade de valorização dos caracteres regionais, sem cair no localismo e sem desconsiderar o universal, refletindo sobre a identidade das comunidades nas quais os alunos estão inseridos e sobre como a literatura trata as culturas.

O letramento literário feito por intermédio de contos e de lendas é um dos caminhos para aproximar o alunado do texto literário porque a leitura promove interlocução com os outros tipos de textos.

Com base nesse contexto, o segundo capítulo versará sobre os seguintes tópicos: conceitos e características do letramento e do letramento literário. Tratará sobre os aspectos relevantes vinculados à leitura e à interpretação de um texto.

No terceiro, por sua vez, trataremos dos seguintes pontos: letrar literariamente o alunado, cuja ação é uma experiência motivadora para que o aluno tenha constantes encontros com o universo da literatura. Daremos ênfase também aos dois contos da escritora Marina Colasanti e, especialmente, voltaremos nosso trabalho para as lendas santarenas, com enfoque numa produção de uma coletânea e um microfilme.

Finalmente, no último capítulo, enfatizaremos a respeito do local da aplicação da proposta, assim como abordaremos a sugestão de proposta de atividades. Além disso, trataremos do produto resultante da proposta de atividades, cujo objetivo seria realizar um sarau e publicar uma coletânea de lendas e um microfilme. Produção final pelos alunos.

Ressaltamos que o enfoque mais relevante desta proposta foi de auxiliar o alunado na perspectiva de ler e de compreender o que se encontra entre as linhas de um texto literário. Isto porque trabalhar estratégias de leitura e de escrita de textos literários, em especial, narrativas de contos e de lendas, serve não apenas para expandir a compreensão da experiência interior, mas também para atribuir sociabilidade e espírito sensível à condição humana do outro.

Indubitavelmente, a literatura é uma ampla descoberta de mundos e de vozes cujo conhecimento encontra-se oculto nos textos revestidos pela

palavra literária, como é o caso dos contos e das lendas.

Com o intuito de despertar a fruição pelos contos da autora Marina Colasanti, lendas santarenas, e com isso propor um caminho para o letramento literário foram levadas em conta as abordagens feitas por Cosson (2014) acerca de uma sequência básica.

O autor inicia falando da motivação, a qual consiste numa preparação para que o leitor tenha uma experiência estética. Trata-se de ato preparatório para o desvendamento da literatura, porque uma leitura com textos literários requer essa preparação, pois na leitura literária há elementos a serem percebidos pelo leitor. Caso contrário, será apenas um ato de decodificação e não um ato de compreensão, de pertencimento com os sentidos que o texto literário desperta no mundo do leitor. Melhor do que decodificar, é sentir.

Essa preparação exige que o professor, como mediador do conhecimento, conduza a turma a um encontro produtivo com o texto literário. Importante que ele busque favorecer uma atmosfera convidativa para que procedimentos da leitura literária possam fluir na alma do leitor.

O segundo passo é chamado de introdução. Refere-se a um processo pedagógico muito importante para a apresentação física e de outros elementos paratextuais que fazem parte da obra.

Nesse sentido, não cabe ao professor o papel de vigiar a leitura do aluno, mas de auxiliá-lo em suas dificuldades, em especial, aquelas inerentes ao ritmo, ao tom, à pontuação, à acentuação e a outros itens exigidos pelo ato de ler, considerando a observação de dificuldades específicas apresentadas por um ou vários alunos é o início de uma intervenção eficiente na formação leitora daquele ou daqueles alunos que necessitam de mais apoio. A leitura do texto literário é uma experiência única e intransferível.

Chegamos ao último passo. Origina-se do entretecimento dos enunciados, que são constituídos das inferências para, a partir deles, chegar-se à construção do sentido do texto, isto feito no interior de um diálogo tendo como partícipes autor, leitor e comunidade.

Neste sentido, de acordo com Cosson (2014) o texto literário é um labirinto de muitas entradas, cuja saída precisa ser construída uma vez e sempre pela sua leitura. Ler texto literário é um processo de afetação e de afetos. Somos afetados pela leitura do outro que está subjacente no *corpus* da narrativa.

Assim sendo, as atividades de interpretação têm como pressuposto essencial a externalização da leitura. Como atividade que contemple o último passo do letramento literário, os alunos serão convidados a exporem suas experiências literárias com base nas leituras dos contos e das lendas. Aqui em tese.

2 LEITURA E LITERATURA: CAMINHOS QUE SE CONVERGEM

Há uma observação muito inquietante que se declina nos espaços da sala de aula, o que, de certa feita, causa enorme preocupação e nos leva a buscar estratégias para se tentar promover atenuações à seguinte problemática: por que o aluno tem dificuldade em compreender textos literários? É possível por meio de contos e lendas propor um caminho para que haja um encontro do aluno com o letramento literário?

Essas indagações permeiam os círculos das aulas de português, em especial, quando se trabalha com textos literários, haja vista que os alunos sabem ler no âmbito da decifração, porém não têm a proficiência leitora em um nível interpretativo.

É preocupante saber que os resultados das avaliações de leitura, nacionais e internacionais, especialmente nos últimos anos, não têm revelado um desempenho positivo da maioria dos alunos brasileiros.

Nos meios educacionais, na imprensa, sistematicamente são dadas notícias alarmantes no que se refere à capacidade de grande parte da população de ler com proficiência.

Segundo a Folha de S. Paulo:

> O Brasil é chamado de “nação de não leitores” em reportagem publicada na conceituada revista britânica “Tem Economist”. O texto justifica o rótulo com base em um levantamento recente que põe o país na 27ª posição (em 30) em assiduidade de leitura. (...) A publicação cita iniciativas que visam remediar o déficit, como o Plano Nacional do Livro e Leitura, mas pondera que é tarefa árdua internalizar o hábito de leitura. (FOLHA DE S. PAULO, 17 de março de 2006, p. C2).

Compreendemos que ler e não interpretar é uma grande barreira para aprendizagem dos alunos. Se não sabem interpretar o que leem, como farão intervenções no lugar onde vivem? Como poderão interpretar no âmbito escolar as outras áreas de conhecimento de forma interdisciplinar?

Um desafio que está posto e, necessariamente, deve ser enfrentado a fim de se buscar meios e possibilidades, se não para resolver esse problema, mas para se buscar alternativas com o máximo objetivo de amenizá-lo.

O conceito de proficiência em leitura é hoje profundamente relacionado com os conceitos de letramento e de alfabetismo funcional. Para Soares:

> [...] o alfabetismo é o que as pessoas fazem com as habilidades e

> conhecimentos de leitura e escrita, em determinado contexto, e é a relação estabelecida entre essas habilidades e conhecimentos e as necessidades, os valores e as práticas sociais. Em outras palavras, o alfabetismo não se limita pura e simplesmente à posse individual de habilidades e conhecimentos; implica também, e talvez principalmente, em um conjunto de práticas sociais associadas com a leitura e a escrita, efetivamente exercidas pelas pessoas em um contexto social específico (SOARES, 2003, p. 33).

Sabemos que parte dos motivos de ser o Brasil um país com carência de leitores proficientes tem como uma das causas o fato de a formação escolar não dar conta, em algumas circunstâncias, do desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita necessárias para que o indivíduo possa se sentir um leitor crítico e autônomo.

Seria nesse contexto sobre leitura e literatura que se projetaria esta pesquisa, cujo enfoque seria a formação da competência leitora de uma turma de 9º ano por meio do letramento literário com base em contos da autora Marina Colasanti e, especialmente, lendas de Santarém, uma excepcionalidade ocorreu, como se disse, porém segue como sugestão de atividades para se trabalhar o letramento dos alunos do Ensino Fundamental II.

No mundo todo, a modernização das sociedades, o desenvolvimento tecnológico, a ampliação da participação social e política colocam demandas cada vez maiores com relação às habilidades de leitura e escrita. O ponto mais importante não é mais apenas saber se as pessoas conseguem ou não ler e escrever, mas também o que elas são capazes de fazer com essas habilidades.

Isso quer dizer que, além da preocupação com o analfabetismo, problema que ainda persiste como muita frequência na sociedade, emerge a preocupação com o alfabetismo funcional, ou seja, com as capacidades e usos efetivos da leitura e escrita nas diferentes esferas da vida social.

Nesse sentido, primaríamos por oportunizar aos alunos do 9º ano da EEEFM Prof. Aluízio Martins experiências estéticas leitoras com abordagens de análises e produções textuais no campo do letramento literário com a finalidade de promover o contato do aluno leitor com dois contos da autora Marina Colasanti e duas lendas narradas pelo imaginário popular, mas com forte apelo a acontecimentos reais, que são estendidas pela regionalidade Santarena.

2.1 Definições sobre leitura

A leitura é uma atividade inscrita em um projeto individual em que o leitor compreende o texto escrito manejando diretamente a informação captada. Ler não é decifrar, mas organizar as palavras compreendidas para que adquiram o significado que ficará na memória.

A leitura, nessa esteira, é uma necessidade essencial de todo ser humano. Os que ficam alheios a esse processo vivem à margem da sociedade letrada e, consequentemente, distantes de ascensões sociais.

Por essas e outras razões, essa sugestão de atividades em sala de aula tem como baliza uma sequência segundo propõe Cosson em seu livro "*Letramento literário: teoria e prática*" (2018) com a finalidade de aprimorar a competência leitora dos alunos do Ensino Fundamental II.

O ensino da leitura por meio do letramento com uso de textos literários cumpre um papel importantíssimo na vida dos alunos na medida em que ela se torna fator facilitador de aprendizagem e de sensibilização humana.

Conforme assegura Leffa (1996), o processo da leitura não está em o leitor "extrair significado" do texto: "ênfase no texto", nem tampouco um processo de "atribuir significado" ao texto: "ênfase no leitor". Mas numa ação de interação do leitor com o texto. Assim, o autor encerra:

> A complexidade do processo da leitura não permite que se fixe em apenas um de seus polos, com exclusão do outro. Na verdade, não basta nem mesmo somar as contribuições do leitor e do texto. É preciso considerar também um terceiro elemento: o que acontece quando leitor e texto se encontram. Para compreender o ato da leitura temos que considerar então (a) o papel do leitor, (b) o papel do texto e (c) o processo de interação entre o leitor e o texto (LEFFA, 1996, p. 25).

Ressaltamos que as atividades sobre leitura literária proporcionam aos jovens esse encontro, como bem assegura o autor. O mundo do leitor imergirá no mundo do autor e por meio da palavra, a interação entre leitor e texto será promovida.

Com isso, os estudantes entram em contato direto com obras de autores que tecem suas narrativas de modo a enredar o leitor. Quem submerge no texto literário é afetado em seu mundo interior, haja vista que o sentido dado à vida por meio das palavras vai muito além da decodificação dos signos linguísticos, perpassa pelo campo profundo das palavras e das

frases.

A literatura é um projeto de vida que visa humanizar a todos nós. Candido (1995) enfatiza com toda propriedade essa configuração. Veja:

> Entendo aqui por humanização [...], o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

Essa inferência de sentimentos a partir das leituras dos textos literários conduz o leitor a várias percepções sobre a vida ficcional, isso faz com que se torne partícipe da obra literária. Maneira usada para conceber a interpretação de uma história seja em forma de conto ou lenda faz com que ele busque correlações com experiências reais.

Nesse contexto, saber ler o mundo e saber ler a palavra são interfaces que se complementam e se entrelaçam para subsidiar toda forma de penetrar o inescrutável e de compreender o inaudível, seja pelas experiências com o viés da leitura de mundo, seja pelo viés do mundo da leitura.

Esses conhecimentos notadamente indissociáveis são essenciais para que uma pessoa saia de uma zona superficial chamada de leitura textual decodificada para mergulhar com profundidade em uma leitura textual interpretativa. É, seguramente, um salto: de um leitor a um intérprete.

Candido chama atenção para isso em seu texto "*A literatura e a formação do homem"* ao afirmar que a função da literatura é promover a humanização do homem (2002). Desse modo, segundo Candido:

> Seja como for, a sua função educativa é muito mais complexa do que pressupõe um ponto de vista estritamente pedagógico. A própria ação que exerce nas camadas profundas afasta a noção convencional de uma atividade delimitada e dirigida segundo os requisitos das normas vigentes. A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, — o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida.

Temos concordância com o autor quando expressa que a literatura é a busca de humanizar o indivíduo, torná-lo mais aberto à compreensão do outro. É o princípio da alteridade promovida pelo contato com as vozes do texto.

Cremos que quando um aluno consegue ler de forma autônoma, crítica e reflexiva um texto literário, ele terá condições de ser um leitor proficiente. Não basta apenas ler textos, é essencial ser afetado por eles.

Dessa forma, o ensino de leitura por meio de textos com enfoque no letramento literário aplicado por meio de uma sequência de atividades passa a ser uma estratégia que contempla a tarefa de ensinar leitura com o poder de despertar para o encantamento, para o belo, para a humanização e para um espírito crítico.

Na realidade, uma parte muito importante da aprendizagem escolar consiste na ampliação do domínio de experiências artísticas através de textos literários, e isso se dá seguramente, quando o professor entende que ele é uma ponte entre o aluno e o livro.

É fundamental relacionar o uso da leitura de textos literários dotada de objetivos com os modos de ensinar para a compreensão e, sobremodo, para os aspectos da interpretação daquilo que os textos escondem nas entrelinhas. Um aluno comprometido com sua competência leitora, sabendo interpretar o que lê saberá também fazer inferências e intervenções no meio onde vive.

A instituição escolar deve encarregar-se de oferecer aos estudantes a capacidade de utilizar a leitura para todas as funções da vida em sociedade, as quais podemos assim afirmar de maneira bem sintética: adaptação a uma sociedade urbana e letrada que exige o uso constante da palavra, potencialização do conhecimento e o acesso à experiência literária.

A literatura, ao tocar na subjetividade de cada indivíduo, torna-se imprescindível para a formação e o autoconhecimento. Sendo ela um direito fundamental ao ser humano, cabe à escola pensar maneiras de trabalhá-la de forma sistemática, contudo, sem deixar de provocar a emoção, o imaginário, e, formar o senso crítico.

Assim, o aluno poderá apropriar-se desse conhecimento, desempenhando seu direito de ser letrado literariamente, e a literatura poderá ocupar seu lugar na escola.

2.2 No limiar do letramento: conceituação e características

Muito se tem discutido e analisado acerca do letramento. A definição conceitual ainda causa certa estranheza, porém muito tem se difundido nos

meios acadêmicos e escolares a importância dos benefícios oriundos do ato de letrar e, em função disso, mostra-se o letramento indissociável das relações sociais e das atividades que se lançam para contribuir na busca de um alunado que reflita sobre suas leituras. Ler não é decodificar as letras, mas extrair das palavras seus sentidos profundos e ideologicamente pensados e arquitetados para subordinar e assujeitar às concepções e comportamentos humanos.

No tocante à escola, é essencial conduzir os estudantes por inúmeros caminhos que levem ao letramento a fim de que se tornem pessoas mais autônomas, críticas e defensoras dos seus direitos. Enfim, formar com base no letramento cidadãos plenamente capazes e que saibam fazer uso das suas ferramentas leitoras e discursivas disponibilizadas pelo ato de letrar é a principal razão do processo de educar para a vida e à plena cidadania.

É nesse horizonte que se alinha o letramento literário, cujo principal objetivo é contribuir na formação da competência leitora dos alunos a fim de que sejam proficientes leitores capazes de lerem um texto e emitirem suas opiniões.

Afirmamos a real e inquietante necessidade de inserir os alunos em mundos literários. Não basta ler fragmentos de textos ou recortes de obras, é fundamental que sejam proficientes leitores dos textos literários.

Ressaltamos que o letramento tecido à luz de textos literários propicia um modo privilegiado de inserção no universo da escrita, posto que intensifica a interação com a palavra de modo a levar o jovem leitor a uma conexão com o mundo das letras e, por conseguinte, à compreensão dos implícitos textuais.

Dessa feita, compreender a relação e o papel que a escrita literária assume na vida dos estudantes, amplia as perspectivas de como ensinar o texto literário em sala de aula, tendo como premissa a formação de jovens proficientes na leitura e na interpretação de textos.

No mais, esse arcabouço considera que a qualidade estética experimentada por meio dos textos literários aliada às interpretações promovidas pelo letramento literário, é um caminho de acesso para que o aluno veja de forma crítica e reflexiva a figura dele e saiba, portanto, posicionar-se.

Buscamos com isso promover o entendimento sobre a proficiência da leitura crítica acerca dos mais variados textos, em especial, os literários.

Pensar criticamente implica enxergar os discursos ideológicos.

A estudiosa Kleiman (1993, p. 19) define letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Ao recepcionarmos o letramento nessa abordagem, temos a concordância de que ele permeia todas as ações cotidianas das práticas sociais em que há interação dos leitores com a escrita.

Desse modo, vivenciamos, pelos vastos contextos nos quais estamos inseridos como família, escola, trabalho, negócios, enfim, inúmeras possibilidades de eventos de letramento.

Para Rojo (2009):

> O termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais da linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrindo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídia, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural (ROJO, 2009, p. 98).

Assim, teoriza-se o conceito no mesmo horizonte, de maneira a concordarem que o letramento é amplo e recai sobre todas as esferas da atividade humana que operam por intermédio da escrita.

Passamos, a partir disso, obter mais clareza sobre letramento e compreendemos que as práticas e os eventos de letramento, conforme registra Kleiman (1993), não estão restritos ao contexto escolar, o qual tem privilegiado, na maioria das vezes, um único caminho de letramento: a alfabetização. Pelo inverso, o letramento ocupa-se de dar significado às mais variadas situações que estamos submersos na palavra e no contato com o mundo da escrita.

De acordo com Soares (1998), o letramento deu-se pela necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais no campo da leitura e da escrita que ultrapassassem o domínio do sistema ortográfico e alfabético, visto que esse comportamento se mostrava insuficiente no âmbito de alfabetizar em uma fórmula tradicional, que se preocupava tão somente em ensinar a decifrar códigos.

Esse enfoque de letramento, consoante às palavras de Street (2003), é chamado de modelo autônomo de letramento. Segundo o autor, “disfarça os pressupostos culturais e ideológicos que o sustentam para que possam ser

apresentados como se fossem neutros e universais".

No tocante ao letramento como sinônimo de alfabetizar, de decodificar os signos linguísticos, o leitor torna-se um reprodutor de informações prontas e inquestionáveis, e, consequentemente, assume um papel passivo diante das leituras de textos, sejam eles literários ou não, ao assimilar que a escrita guarda significados semelhantes para todos os segmentos sociais.

Soares (1998) distingue com muito relevo o processo de alfabetização de letramento, assim ela expressa:

> Embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se. Dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia, a isso se chama alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita, a isso se chama letramento (SOARES 1998, p. 90).

O letramento não é uma via apenas pessoal, mas também, uma prática social. É importante afirmar que uma pessoa pode ser capaz de ler uma receita de bolo e não ser capaz de ler uma reportagem pode ser capaz de escrever um nome e não ser capaz de escrever um convite.

Desse modo, poderíamos dizer que alfabetizado é aquele que tem a capacidade de ler e de escrever. Já letrado é quem que sabe ler, escrever e que tem domínio frequente da leitura e da escrita. Competentemente, sabe fazer uso dessas interfaces da língua para se tornar mais inserido socialmente.

Não nos furtamos em dizer que a exigência pelo domínio da leitura e da linguagem escrita vem se acentuando cada vez mais em nossa sociedade, sendo essa realidade premissa crucial para participar do mundo do trabalho, exercer plenamente a cidadania e ter maior participação social.

Portanto, tomando como assertiva as ponderações dos estudiosos, vemos a relevância de entendermos o letramento como práticas sociais que vão além da escrita, de modo que fazem parte da vida e da formação de um leitor proficiente.

2.3 Letramento literário: uma experiência motivadora

No âmbito da sala de aula, os gêneros literários têm exercido, muitas

vezes, o papel de pretexto para ensinar aspectos gramaticais da língua (COSSON, 2006). É necessário assumirmos outra postura no tratamento de ensinar literatura.

Podemos dizer que é parte humanizante às nossas vidas porque as experiências vivenciáveis com o uso dos textos literários nos possibilita ir muito além da letra. Permite-nos conhecer as dores e inquietações que o outro experimenta.

Ler um texto literário possibilita ao leitor o envolvimento com situações ficcionais, de modo a levá-lo a experiências significativas com a realidade. Por isso, é fundamental mergulhar na essência dos textos. Ir além das linhas é uma condução proporcionada pela literatura. A experiência movida pela leitura promove no leitor uma grande reflexão sobre a vida.

Nesse sentido, reside o poder transformador do letramento literário. Ao mesmo tempo em que forma pessoas leitoras, também transforma o leitor em alguém capaz de compreender com mais sensibilidade à dor e a fragilidade do outro.

Além do mais, tornar o ensino e a aprendizagem de literatura em uma prática significativa e interessante para nossos jovens deve ser uma prioridade em nossas escolas, e, para isso, é fundamental repensar o conceito de literatura, seu valor e sua função social.

O letramento tecido em textos literários proporciona uma maneira privilegiada de inserção no mundo da escrita, posto que conduza ao domínio da palavra a partir dela mesma.

O maior desejo com esse contexto é afirmar o elo entre a leitura do mundo e o mundo da leitura, o despertar da criticidade dos alunos e a afirmação de sua identidade como cidadão capaz de intervir no social.

O ponto principal não é só mostrar a leitura que se faz de textos literários, mas o tipo de leitura que se pratica em sala de aula e nos diversos contextos sociais. Nesse tom, à medida que o letramento literário se realiza pelos espaços da sala de aula e a leitura interpretativa vai se consolidando na vida do educando, há uma realização de uma leitura mais aprofundada.

Desse modo, essa experiência literária pressupõe um contato direto e atento com o texto. Leva em conta as especificidades do texto literário, sua forma e não apenas o seu conteúdo.

Tendo a leitura como razão central do letramento literário, Cosson

(2018) assevera que a leitura do aluno deve ser discutida, dialogada, interativa, questionada e analisada para que produza os sentidos relevantes que circundam nas entrelinhas do texto.

Por fim, o que mais se persegue em ler com proficiência literária é a tentativa de habilitar o aluno a ter autonomia, reflexão, a fim de torná-lo criticamente habilitado na leitura de textos.

3. ORIGEM E APLICABILIDADE DO ATO DE LETRAR

O termo “letramento” nasce de uma necessidade de uma visão contemporânea, porque explicar os usos da leitura e da escrita é uma exigência cada vez mais presente nas práticas sociais modernas.

O conceito letramento é utilizado primeiramente por cientistas sociais, mas devido a sua estreita relação com o ensinar e aprender a leitura e a escrita, ele foi adotado por pesquisadores e teóricos da área educacional.

Conforme Soares (2014):

> [...] muito mais que alfabetização [...] o letramento é um estado, ou uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim, o letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita.

Essa palavra surgiu e é utilizada para distinguir e ampliar o conceito de alfabetização, que segundo Soares (2004, p. 11), “é o processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica”. Conceito este que não dá mais conta de explicar a complexidade de práticas sociais de leitura e escrita exigidas e utilizadas na contemporaneidade.

Em seu livro “*Letramento: um tema em três gêneros”*, Soares (2004) explica o porquê do surgimento do termo letramento:

> À medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia: não basta apenas aprender a ler e escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita: não leem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, [...]. Esse novo fenômeno só ganha visibilidade depois que é minimamente resolvido o problema do analfabetismo e que o desenvolvimento social, cultural, econômico e político traz novas, intensas e variadas práticas de leitura e de escrita, fazendo emergirem novas necessidades [...]. Aflorando o novo fenômeno, foi preciso dar um nome a ele [...].

A autora aponta ainda que, embora os fenômenos alfabetização e letramento sejam processos de natureza diferente, são interdependentes,

precisam acontecer de forma simultânea, nenhum prevalecendo sobre o outro em práticas educacionais. Segundo a autora:

> [...] no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização1 – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004, p. 10).

Se a alfabetização, processo de aquisição da leitura e escrita, tem início e fim, o letramento, por sua vez, é um processo que tem início, mas não tem terminalidade. O processo de formação do leitor, ao qual chamamos de letramento, é contínuo e permanente. A partir de certas competências e habilidades que o indivíduo adquire, podemos considerá-lo como leitor autônomo e letrado.

Sabemos que o início e continuidade de formação estão condicionados a muitos fatores. Conforme Soares (2014), o nível de letramento dos grupos sociais está relacionado às suas condições sociais, culturais e econômicas.

Em se tratando de escolarização, a escola é a principal responsável tanto pela alfabetização quanto pelos mais variados tipos de letramentos. Em conformidade com Rojo (2009) um dos objetivos da escola é possibilitar o letramento de seus alunos para que estes participem das várias práticas sociais de leitura e escrita da sociedade.

Dessa forma, letrar é ir além da alfabetização. É ensinar leitura e escrita dentro de um contexto que faça sentido para o aluno. Que leve em conta a produção escrita em funcionamento na comunidade onde vive.

Dentre as diversas práticas de letramento que existem em nossa sociedade, o letramento literário, é o que discorreremos nesse trabalho. Conforme Cosson (2014):

> [...] o processo de letramento literário que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão do uso social da escrita, mas também, e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja

> aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade.

Concordamos assim com o autor quando menciona que a prática da leitura de textos literários ocorre tanto na escola quanto em outros ambientes de aprendizagem. Fora do ambiente escolar talvez a leitura se apresente de forma mais espontânea e mais prazerosa.

Ressaltamos que a escola, ao ter o objetivo de ensinar como função primordial, deve observar como se lê em outros ambientes e levar o aluno a apropriar-se dessa forma de ler por prazer, porém sem perder o foco do ensino, sem deixar de acompanhar o aluno em suas dúvidas e dificuldades, para este, ao compreender o que se lê, consegue entender e sente prazer pelo texto literário.

O autor ainda explica que:

> Não é possível aceitar que a simples atividade da leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária. Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola. Por trás dele encontram-se pressuposições sobre leitura e literatura que, por pertencerem ao senso comum, não são sequer verbalizadas (COSSON, 2009 p. 26).

Como vimos, Cosson salienta que o objetivo da leitura literária na escola visa ir além do entretenimento, fruição. Isto é, no ambiente escolar o texto literário é objeto de ensino, aprendizado, portanto é necessário explorá-lo adequadamente, não simplesmente ler por ler.

Verificamos, de acordo com o estudioso, que ler implica troca de sentidos, não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados. Os sentidos são resultado de compartilhamento de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço.

A análise literária toma a literatura como um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras e a explorá-la sob os mais variados aspectos. Cosson (2016) assim exemplifica:

> Nesse sentido, quem passou pela escola preenchendo fichas de leitura meramente classificatórias terá dificuldades de apreciar a beleza de uma obra literária mais complexa, mas não sentirá dificuldade de fruir a ficção que se lhe oferece nas bancas de revistas. Longe de destruir a magia das obras, a análise literária,

> quando bem realizada, permite que o leitor compreenda melhor essa magia e penetre com mais intensidade. (...) O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância.

O autor conclui que nossa capacidade de leitura depende muito de como nos foi ensinado a ler:

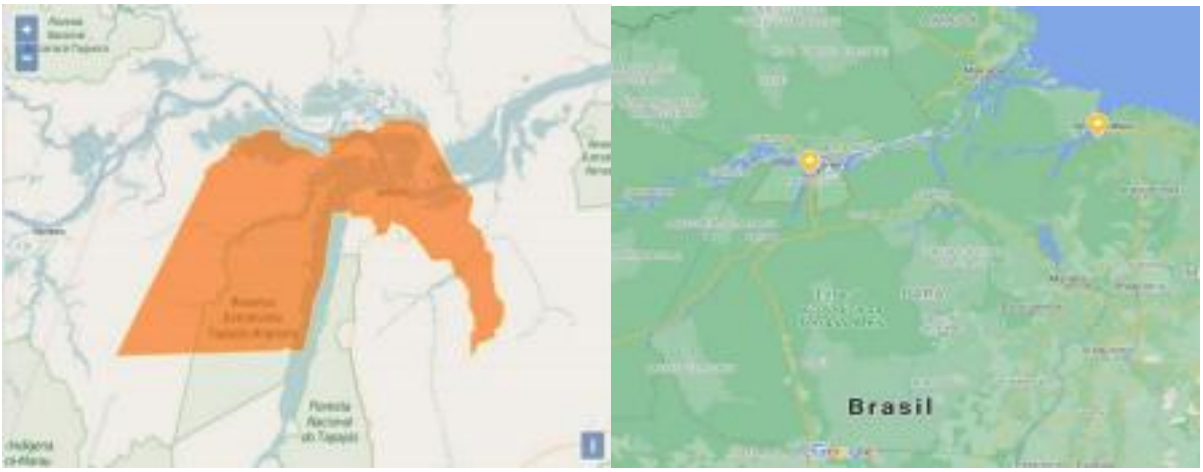
> Em suma, se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. [...] É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece como nenhum outro tipo de leitura faz os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2014, p. 29-30).

Em consonância com o teórico, o aluno, em sua experiência inicial com o ato de ler um texto literário, terá dificuldade, sem o auxílio do professor e da escola apropriar-se de leitura de textos literários mais complexos. Assim, compete à escola e ao professor, criarem estratégias para que a leitura do texto literário seja significativa na vida dos estudantes.

3.1 Ensinar textos literários: uma experiência por meio de contos e lendas

Santarém é um município brasileiro do estado do Pará, o terceiro mais populoso do estado, atrás somente da capital, Belém e de Ananindeua, é o principal centro urbano, financeiro, comercial e cultural do oeste do estado. É sede da Região Metropolitana de Santarém, o segundo maior aglomerado urbano do Pará. Pertence à mesorregião do Baixo Amazonas e a microrregião de mesmo nome. Situa-se na confluência dos rios Tapajós e Amazonas. Localizada a cerca de 800 km das metrópoles da Amazônia (Manaus e Belém), ficou conhecida poeticamente como Pérola do Tapajós.

Figura 1 – O município de Santarém no Estado do Pará



Fonte: IBGE Cidades; Google Maps

De acordo com a Associação dos Municípios das Rodovias Transamazônica, Santarém-Cuiabá e Região Oeste do Pará (AMUT)[1], em 2020, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[2] estimou sua população em 306.480 habitantes, logo então o terceiro município paraense mais populoso, o oitavo mais populoso da Região Norte e o 91º mais populoso município do Brasil.

O município possui uma área de 22.887,080 km², ocupando 97 km² estão em perímetro urbano. Santarém foi fundada pelos jesuítas em 22 de junho de 1661, é uma das cidades mais antigas da região da Amazônia.

Em 1758 foi elevada à categoria de vila e quase um século depois em consequência de seu notável desenvolvimento foi elevada à categoria de cidade em 24 de outubro de 1848.

Está incluída no plano das cidades históricas do Brasil, sendo uma das mais antigas e culturalmente significativas cidades do Pará. Por causa das águas cristalinas do Rio Tapajós, conta com mais de 100 quilômetros de praias que mais se parecem com o mar.

A praia mais famosa e visitada pelos turistas e pelos moradores de Santarém está localizada na vila balneária de Alter do Chão[3], conhecida

---

[1] - Disponível em: <http://www.amut.org.br/municipios/santarem/>. Acesso em 21 dez. 2020.

[2] - No último censo realizado em 2010, a população de Santarém era de 294.580 pessoas.

[3] - A vila balneária de Alter do Chão é uma das mais procuradas por turistas de todas as partes do Brasil e do exterior. É o palco de uma das maiores manifestações folclóricas da região, o

como Caribe Brasileiro e escolhida pelo jornal inglês *"The Guardian"*[4] como uma das praias mais bonitas do Brasil e a praia de água doce mais bonita do mundo.

Podemos considerar a região amazônica um universo místico, imaginário, cultural e envolvente segundo o teórico Oliveira (1951, p. 35)

> A Amazônia é uma perpétua fascinação. O imenso mistério que a envolve, de um mundo que ainda não ordenou o caos e onde o homem chegou cedo demais, a alucinação de suas águas, a densidade de suas matas, a inumerável bicharia e pássaros, peixes e insetos criaram na hileia um ambiente de beleza estranha, de tragédia constante, de perigo desordenado. A terra de incerteza, de aventura, de temor, o inferno verde... Debalde o homem a tem estudado e descrito, numa imensa biblioteca, onde os conceitos são tão baralhados quanto a sua própria floresta, de região sem condições para a vida humana, de clima caluniado. É um reino de fantasmagoria que excita a imaginação ao delírio ou a deprime à desolação. Desde logo se compreende e justifica a imaginação ardente que povoou de tantos mitos e criou tantas lendas etiológicas, a fantasia com que se procurou a origem e a explicação das coisas e o mistério que absorveu todos os seres. A incerteza e o temor geram o maravilhoso que se desdobra em ideias e sentimentos sobrenaturais. A Amazônia é uma terra de lendas. Ela própria tem um caráter lendário e o guardará até que seja dominada pela ciência e disciplinada pela técnica.

Conforme o autor, há uma riqueza espalhada pela densa região amazônica que se amplia pelo imaginário, cujo elemento sempre foi muito presente em nossa produção cultural, tanto que nossa contribuição à literatura nacional sempre se fez predominantemente por meio dessa encantaria e desse imaginário que percorre a vida dos que moram nessa região.

Nesse sentido, em uma abordagem mais conceitual podemos dizer que lenda é uma história de tradição popular, conceituada como uma narrativa (conforme o ponto de vista pode ser fantasiosa ou não) cuja essência é transmitida pela tradição oral ao longo dos tempos.

As lendas são transmitidas de geração a geração com modificações conforme a época e o contexto, encontrando-se sempre associadas a um

---

Çairé, que atrai turistas do mundo todo. A festa do Çairé é realizada sempre no mês de setembro. Ela mistura elementos religiosos e profanos, marcados pela disputa dos botos Tucuxi e Cor de Rosa.

[4] - Matéria publicada por Zana Moura no dia 08 de agosto de 2012. Disponível em <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2012/08/com-aguas-cristalinas-alter-do-chao-no-para-e-o-caribe da-amazonia.html>. acesso em 23 fev. 2021.

elemento preciso (podendo ser uma personagem, local ou objeto) e centram-se na inclusão desse mesmo elemento na vida quotidiana ou na história da comunidade que a lenda pertence.

Ressalta-se que os moradores de Santarém são bons anfitriões. São muito hospitaleiros e primam por uma boa recepção. Essa conduta faz com que a população seja bastante acolhedora com os visitantes.

Frisa-se também que o povo é voltado a longas conversas em frente a suas residências, de modo que muitas histórias passam a ser contadas e passadas de gerações a gerações. E em meio a tantas histórias transmitidas oralmente, nascem as lendas: da Mandioca, do Açaí, Curupira, do Mapinguari, da Cobra Grande e dentre essas, as lendas organizadas para este trabalho, do Boto e da Mãe D'água.

Essas lendas e tantas outras contadas pela população originam-se pelos vastos espaços da região e das inúmeras localidades que ficam à margem dos rios Amazonas e Tapajós. Pelo fato dos contadores dessas lendas serem pessoas que residem próximo a igarapés, por viverem com suas casas nas matas e em lugares de difícil acesso, relatam que já chegaram a ter contato com essas personagens imaginárias das lendas, já contemplaram esses seres místicos e afirmam que já ouviram vozes e levaram "surras" deles por algum ato de desobediência.

Essas narrativas são as composições do povo santareno e são inerentes à cultura local. A forma de transmissão é a oralidade. Os pais transferem aos filhos essas crenças. Os filhos, por sua vez, passam a contar essas histórias como algo próprio e com um grau de pertencimento pelo valor depositado nessas lendas.

Nesse sentido, a escolha pelas lendas e nominalizá-las de santarenas deu-se pelo objetivo de promover o fortalecimento da literatura que permeia a região de Santarém.

Afirmamos ainda que as peculiaridades do povo santareno são marcadas com um ar de muita simplicidade e singeleza. É um povo que tem prazer em rodas de conversas acompanhadas com café e alimentos tipicamente regionais, como pupunha, tapioquinha, macaxeira, cará roxo, batata-doce etc.

As rodas de conversas contêm histórias carregadas de muito mistério, cuja relação com a floresta, com os rios e com os seres do imaginário formam

uma composição poética de valor cultural das comunidades. Essas histórias conferem aos moradores de Santarém uma vertente rica em enredos que encantam pela gama de ficcionalidades, mas que ao serem contadas, tornam-se revestidas de muita veracidade.

Nas sugestões de atividades organizadas para se trabalhar o letramento literário procuramos dar ênfase a uma valorização aos aspectos culturais que os alunos trazem de suas comunidades. Temos o intento de valorizar as lendas para mostrar ao aluno que os textos regionais fazem parte da cultura local assim como a linguagem que cerca a vida dos ribeirinhos.

Podemos dizer que a linguagem do nosso país é bem diferente em todas as regiões. Há, sem dúvida, uma variedade de falares que marcam bem o acento linguístico dos nossos estados brasileiros.

Ao se pensar no Estado do Pará essa diferença linguística também é muito expressiva. Somos um estado com 144 municípios e Santarém ocupa nesse cenário linguístico um acento ainda mais típico no falar do povo.

É altamente perceptível um sotaque bem regionalizado dos moradores do oeste paraense que o diferencia dos outros municípios do Pará e do Brasil. A presença do elemento “tu” nas conversas corriqueiras e formais é um ponto linguístico muito presente nas relações interpessoais.

Segundo as narrativas dos moradores mais antigos da cidade de Santarém (e a curiosidade levou-me até eles), esse fato dá-se pela influência dos colonizadores portugueses que aportaram nessa região. Entre eles o fundador da cidade, o jesuíta padre João Felipe Bettendorff, no dia 22 de junho de 1661. Isso não é diferente para a linguagem dos moradores das comunidades da Amazônia. A forma simples e arrastada, com uso contínuo da 2ª pessoa do singular são traços fortes e inerentes à região. Em conversa informal com as pessoas mais antigas da cidade, essa linguagem mais típica dos moradores de Santarém remete aos primeiros habitantes da cidade.

As lendas também são parte dessa linguagem, dessa religiosidade e das crendices do povo de Santarém.

Por isso, trabalhar com o gênero lendas não somente para se trilhar o letramento literário, mas também para que o aluno sinta-se mais perto da sua cultura a fim de poder valorizá-la e divulgá-la sem ter receio de ser estigmatizado.

É mediante esse contexto que as lendas são inseridas. São narrativas

folclóricas que permeiam o imaginário popular e são usadas para explicar a origem de tudo que não se consegue conceber no campo da objetividade. Em todas as regiões do país é costumeiro utilizar-se das lendas para expressão de conceitos ilustrativos sobre a vida.

Conforme um dos maiores estudiosos da área sobre folclore brasileiro, Câmara Cascudo (2002), é pertinente afirmar que:

> Folclore é a cultura do popular, tornada normativa pela tradição. Compreende técnicas e processos utilitários que se valorizam numa ampliação do emocional, além do ângulo do funcionamento racional. A mentalidade móbil e plástica torna tradicionais os dados recentes, integrando-os na mecânica assimiladora do fato coletivo (CÂMARA CASCUDO, 2002, p. 334-335).

A regionalidade, por sua vez, é uma característica que mantém íntima relação com as variantes do processo de manifestação folclórica, ao passo que o mesmo tipo de manifestação pode ser encontrado em localidades distintas e distantes em seu espaço físico.

A dinâmica cultural se manifesta nas diversas formas de contato entre as culturas, pois determina trocas e empréstimos, transforma valores, acolhe invenções e motiva os processos de assimilação, ajustamentos, aculturações e reinterpretações.

O folclore brasileiro é extremamente rico e diversificado, uma vez que resulta das três principais matrizes culturais: luso, indígena e africana. Elencamos as matrizes por esta sequência de acordo com Câmara Cascudo (2002), de maneira que a colocação aqui exposta seja nitidamente proposital por ordem de influência.

Partindo da ideia de que é resultante de contribuições variadas, o folclore configura-se atualmente como objeto de inúmeros estudos e é um importante elemento da própria economia brasileira, pela geração de empregos, pela produção e comércio de bens associados pelo turismo cultural que dinamiza uma região.

Levando em conta esse pressuposto, com o forte intuito de valorizar a cor local e o regionalismo das narrativas que circulam entre as comunidades ribeirinhas vinculadas ao município de Santarém. A cidade é cercada por dois imponentes rios Amazonas e Tapajós, fizemos uma escolha da nomenclatura "*lendas santarenas*".

Não tivemos a intencionalidade e nem a pretensão de afirmar lendas

santarenas como sendo originárias da cidade de Santarém. Tivemos a finalidade de configurar lendas santarenas como parte de uma literatura extraída das raízes culturais de um povo, suas crenças, suas superstições, seus mitos e todo o imaginário resultante numa literatura que circula entre eles por intermédio das narrativas orais.

O povo santareno vive submerso nas muitas histórias, sejam elas reais ou imaginárias. Algo é verdadeiro: os munícipes vivem um enredo que encanta todo ouvinte. São muito imaginativos e com uma linguagem bem peculiar.

Por conta do contato diário com os rios que banham o município, acabam tendo um grau de pertencimento com as lendas que povoam a cultura da região, de modo que a cor local fica mais evidente quando narradas pelas vozes ribeirinhas. Além disso, a marca linguística da região matiza os textos narrados com uma cor mais paraense, e, por vezes, uma tipicidade santarena.

Essas particularidades mais íntimas voltadas à cor local da cidade de Santarém imprimem uma referência cultural mais acentuada, marcando o local de onde os discursos são proferidos, enfatizam a presença do regional, sem cair no localismo redutor, de modo a dar relevo aos aspectos marcantes da cultura de um povo.

Fato é que valorizamos mais as grandes e renomadas literaturas, e acabamos por praticar uma conduta de alijamento às narrativas orais e às histórias carregadas do fruto imaginário de uma parte da sociedade, os ribeirinhos, os quais vivem não apenas às margens dos rios, mas também da literatura canônica.

Por isso, a fim de reunir elementos para nosso estudo sobre letramento literário com enfoque em contos e lendas, buscou-se adjetivar *santarenas* como uma essência substantiva para incidir mais apreço pelas narrativas orais que ainda não são reconhecidas no cenário nacional como arte literária.

Buscamos trabalhar o texto literário com uso de lendas pelo fato do alunado do município de Santarém ser oriundo de diversas comunidades que têm em seu dia a dia, a vivacidade das narrativas revestidas do maravilhoso, do ficcional, os quais compõem a cultura dessas localidades.

Assim, como elemento introdutório apresentamos a “lenda do Boto”. Segundo o pesquisador Paes Loureiro (1997), trata-se de uma espécie de

mamífero aquático e o mais importante habitante encantado da região amazônica e que, durante o dia, brinca com as crianças à beira do rio, mas, ao anoitecer, ele é metamorfoseado em um rapaz atraente e encantador.

Na obra “A poesia como encantaria da linguagem/ Hino dionisíaco ao Boto”, assim poetiza Paes Loureiro sobre o Boto,

1
É o Boto que celebro.
O Boto de roupas brancas filho das águas e do luar.
Ele que um dia surgiu tal resplendor de um sol
no diadema da noite.
Luz no fundo túnel do desejo.
O rio cedeu espumas para que a lua
em seu tear tecesse a sua vestimenta.
Alvura, brancura, claridade.
Oh! Boto,
encantamento soprado em duas sílabas.
Esse nome despontou um dia
por sobre os promontórios da linguagem,
na crispação dos fonemas
atormentados em busca de sentido.
(Quem saberá dos peraus
onde renasce
o verbo inicial em cada nome?)
Estava o nome ali vestido de vogais
arcado de consoantes.
Duas sílabas querendo decidir o mundo
e dividir a vida em dois
_ quem ama, quem não ama…
A palavra brotando como canto
no vale de um silêncio,
ou como o botão de flor de um ai! Numa garganta,
ou como a brusca insurreição de um coral de
primaveras. Passageiro desta barca da linguagem
devo guiar o nome que me guia.
Não é somente alguém a quem transporto
entre barrancos de som e de sentido.
A mim é que transporto no transporte
que na forma conduz a quem transporto
em sílabas que cantam.
Um ser em festa de ser,
um ser nas altas colinas do desejo.
Qual o destino
conduziu esse nome ao porto do poema?
Qual o mistério
o fez ficar de pé no tombadilho
de um verso heroico espumando contra as
ondas?
Que pode um verso quando uma palavra
o cavalga, escoiceia, flamba e ruma
sem buscar outra rima além de um leito,
sem cardar outro linho que o pentelho
que se entrança na racha que é seu reino?
Oh! monarca de menarcas,
grão-senhor do rio dos encantados,
comandante investido no poema.

Tu que és sempre um salto
no abismo da paixão de ser,
serás um deus
ou modelagem humana de um desejo?
Tu que aos homens te assemelhas
para ser dessemelhante dentre os homens.
Deflagrador de tempestades de contrários,
solitário imperador de impérios
cultivados na várzea do poema.
Conduzindo-me conduzo na poesia
esse teu ser
escravo da linguagem que é teu reino.
Em tempo mitomorfo navegando
ergo as velas verbais da alegoria
no desfraldar bandeiras e metáforas
diante do prodígio de vocábulos
que saem do dicionário
transbordados de som e de sentido,
entre espumantes vinhos são levados
aos lábios de cantares e dos hinos,
ou como rimas e louros consagrados
a coroar a fronte de uma estrofe.
Se eram palavras comuns, tornam-se raras;
já não querem dizer, querem cantar;
mas além de cantar, querem dançar;
e, muito além de dançar,
elas se querem ser outras palavras
que não sejam somente o que elas são
ora ser e não-ser
vitral e luz
ungidas nesse próximo distante
das catedrais verbais do imaginário.
Eu te saúdo nome-falus
como encantado que és
e te celebro
nesse cantar que te mantém cativo
do mesmo encantamento que cativas.
Tu que meu canto acorda em leito de
morfemas e te ergue pelas mãos de um
verso heroico, desde a pátria de
hexâmetros de Homero até as encantarias
deste poema…

2
Oh! tu
que levas aos mortais
o leve salto no abismo da paixão humana.
A ti eu canto!
Tu que vens e vais, voltas não-voltas,
feito esse adeus que um deus paralisou na forma de uma
lua. Tu que arrastas a noite como um manto imenso
tal como o sol arrasta o infinito,
tal como a vela arrasta o lençol dos oceanos.
A ti eu canto!
Celebro teu ser em festa nas festas de teu ser.
Celebro a música que adorna teu silêncio,
a pura sedução de teu segredo,
a doce transgressão de teu delírio.
A ti eu canto!
cavaleiro do vale entreaberto em coxas no horizonte de

algum ventre,
personagem das mil e uma noites
das várzeas, dos peraus, dos igapós…
Tu que amas as danças e a vertigem
dessa orgia de ser.
Herói de troias de tábuas e maqueiras,
glorioso filho das encantarias.
Tu és aquele escolhido pelos hinos
coroado de limo, mururés
e antiquíssimas cicatrizes da coroa de louros.
Pura aparência de imortal essência.
Olhares te procuram,
as cunhãs te seguem com o desejo fisgado em teu anzol sob o
silêncio cúmplice de águas e florestas.
Eu te saúdo
rio andante e sexuado
luz das noites
ardor ardendo no leito da cunhã
que espera desde sempre tua chegada
e, para sempre, se parte em tua partida…
Te espera antes da chuva e após a chuva,
lambida de suor ela te espera
espera pelas mãos do novenário
e noite-a-dentro espera dias-a-fora
envolta em solidão espera e espera
pelas frestas abertas de um desejo
espera nas insônias insaciadas
na timidez espera
na embriaguês do devaneio espera
por teu ser de longa espera e breve instante.
Eu te consagro aqui
grande esperado,
que a eterna espera faz teu ser eterno.
Oh! filho de Dionísio, neto de Selene.
Errante cavaleiro do sagrado
instalado em palavra que te instala
como tronco submerso em rio de encantarias.
Vocábulo lançado na essência da linguagem
como um dado,
como carta de um baralho e seus arcanos.
No vale do desejo e do poema
palavra pertencida que pertence,
edificado templo articulado
de sentido e som, violino e arco.
Revelação por si mesma revelada,
a tua essência
é luz no vitral das aparências,
pura aparência que se faz essência
para ser.
Amor que vem à luz numa palavra inscrita no
destino, teu ser irrompe no nome como um jorro
tronco da funda encantaria da linguagem.
Eu te saúdo crista de sol raiando no horizonte
dessa noite carnal das que te amam,
palavra-ser, palavra que é, palavra corpo-e-alma
palavra erotizada que te funda
já que em teu nome és isso que és.
E se a linguagem não se faz poema
teu nome nascituro, morituro nome
resta inerte, imóvel, inútil numa dúvida.

3
Oh! tu, ora instalado na palavra
entre nós habitando no poema,
morador que também é sua morada
onde tudo o que é se faz em sendo.
Oh! tu, que de poesia a terra habitas
seja exilado nas ilhas de um poema
ou nas areias sem fim de maiandeuas,
esse teu ser de silêncios e de ausências
é na palavra que instaura tua vida.
Tu vives na palavra de uma espera
ou na palavra da ausência
e na presença
de rosnares de orgasmos numa alcova.
Oh! palavra em festa na linguagem,
essência de alegria, gozo, canto,
existência do ser sendo prazer.
Teu reino não se nutre de conquistas
nem ouros
nem tesouros.
Teu reino é o dos fonemas
onde habitas e danças
rejubilas
e morres sem morrer
pois ressuscitas
cada vez que um relato te relata
ou que suspira em sílabas de espera
a cunhã que na rede te soletra.
Entrelaçado efêmero no eterno.
Divindade recolhida na palavra.
Palavra-templo que te abriga e de onde
errante sacerdote de Dionísio
vagas na margem dos rios e do desejo
polinizado nos lábios que te chamam.
Teu nome vela o ser e o ser desvela
na suprema solidão de seu destino
e brota como um peixe à flor das águas
desse rio de desejo submerso
na fêmea que te sonha ou que te fala.
Em sílabas teu ser se faz eterno
enquanto és o desejo de um desejo,
a espera de uma espera de uma espera.
Tu és pelo que és e o que não és.
Teu leito já não é praia ou canoa,
mas a página onde a lua espelho espelha
na encantaria da linguagem que é a poesia.
E deixas de existir
agora que o poema se recolhe
feito maré juzante
descobrindo
a praia de uma página tão alva
e apaga pela areia desvelada
esse teu nome-ser assim velado.
Mortapalavra sob a espada de um silêncio
que espera renascer na voz de outro poema (PAES LOUREIRO, 1997, p. 17)

Segundo a lenda e as crenças populares do povo ribeirinho, quando os

moradores promovem festa nos barracões, nas ribanceiras dos rios, em noite de lua cheia, o boto, de uma maneira misteriosa, transfigura-se então em um homem alto, forte sedutor, vestido de roupas brancas. Usa sempre um chapéu branco para ocultar o orifício que tem no alto da sua cabeça, por onde exala um forte cheiro de peixe. Ele surge e mistura-se entre os homens. Ostenta elegância, gentileza e com passos habilidosos e cadenciados para dançar. Com seu olhar inebriante e sedutor acaba por atrair as mulheres que imediatamente ficam encantadas por ele.

Geralmente, aparece nas festas das comunidades ribeirinhas e dança com a "cabocla", a dama mais cobiçada e mais bela comunidade. Sai com elas para passear e, antes de amanhecer, pula na água e volta à forma originária. De dia, boto, de noite, um rapaz sedutor.

Segundo as narrativas contadas pelos ribeirinhos, meses depois, a moça ainda encantada e com saudades do "homem" mais elegante que conheceu, apresenta os primeiros sinais do resultado das supostas aventuras do "boto": uma gravidez não planejada, na qual o algoz é uma pessoa ligada à família da então "*emprenhada*".

Com a intenção de ocultar o verdadeiro autor do ato libidinoso, valem-se da lenda do boto para explicar o fato ocorrido. Pondo, assim, a culpa de tal gravidez no inocente cetáceo. Na linguagem nativa ribeirinha, assim que a comunidade sabe do encantamento, diz: *Esse mininu é filhu di butu!*.

Além disso, a moça, agora grávida e com o intuito de esconder o verdadeiro autor, passa a incorporar a lenda e crer que, de fato, foram engravidadas pelo boto. De outra forma, acredita-se que, de tanto admirar as moças, o boto passou a ser considerado como protetor de todas as mulheres das comunidades ribeirinhas, sendo assim, denominado como o guardião dos rios.

Diz-se ainda que maridos com ar de desconfiança do famigerado Boto que engravida as mulheres, armam emboscadas para pegar o conquistador. Essa armadilha geralmente ocorre no período noturno e no rio. Esse é ambiente escolhido para uma luta do marido traído contra o seu rival. Lutam até ferir o algoz com uma faca ou um arpão ou a tiros.

No dia seguinte, para a surpresa do marido e de toda a comunidade, aparece o cadáver à margem do rio, com ferimento de faca, arpão cravado no corpo. Não se trata de um homem. É pura e simplesmente um corpo de um

boto.

Em continuidade à estratégia ao letramento literário e fazendo uso de mais uma lenda, podemos citar a lenda da Mãe D'água. Destacamos que essa lenda se fundamenta nos relatos dos comunitários. Porém, pode ser encontrada no seguinte site: http//www.infoescola.com.

A Mãe D'agua, figura das águas, cujo próprio nome, de origem indígena, traduz se como "aquela que mora na água". É pintada nas histórias ora como sereia, ora como índia. No entanto, por se tratar de uma lenda tipificada nos seios da nossa região e desenhada pela linguagem típica das comunidades, preferencialmente, é chamada de "*Mãe D'água*".

Há um poder de sedução no olhar da Mãe D'água. Sua essência está na capacidade de encantar os homens e atraí-los para o fundo das águas. Além disso, o poder hipnótico de seu encanto está centralizado em sua extrema beleza, graciosidade, elegância e vestes alvas e reluzentes que se confundem com o curvo sinuoso dos igarapés (pequenos cursos de água pontuados pela pouca extensão de largura e profundidade) e paranás (grandes extensões de filetes de águas em sua largura e profundidade).

Essas duas lendas "O Boto e a Mãe D'agua" são muito conhecidas na região. As duas falam sobre o poder de encantar pela beleza e pela sedução. A do Boto vincula-se ao homem que seduz as moças, já a outra, volta-se para uma moça sedutora dos rapazes.

Elas expressam implicitamente um pano de fundo que tem a ver com alguns relatos da nossa região. A lenda do Boto, por exemplo, é usada como escudo para justificar relacionamentos entre parentes e, ao mesmo tempo, para não apresentar os pais dos filhos de muitas moças solteiras.

Referente à lenda da Mãe D'agua, os relatos dados pelos comunitários são direcionados para expressar algumas situações, dentre as quais podemos destacar: uma praticada pelo chefe da família referente à sua esposa e filhos, outra praticada pelos filhos referente a seus pais, e uma última, inerente ao desaparecimento de crianças. Essas situações são apresentadas pelos populares com o intuito de darem interpretações à narrativa.

No primeiro caso, o pai abandona sua família porque já tem um outro relacionamento extraconjugal. No segundo, os filhos eximem-se da responsabilidade de cuidar de seus pais quando estes já se encontram numa

idade tenra e bem avançada. E, a última situação diz respeito às famílias com muitos filhos. Os pais, semas condições financeiras para educarem todos os filhos, entregam os filhos para padrinhos que moram na cidade.

Pelo fato dessas situações causarem um grande desconforto social e tornarem-se pública, de modo que os responsáveis sejam denunciados pelas práticas acima mencionadas, lançam a culpa sobre os seres encantados.

Ilustramos a seguir uma cena vivenciada em uma comunidade chamada Igarapé do Onça, a qual representa bem a última situação. Esse fato é comentado com a finalidade de justificar uma situação bastante peculiar ocorrida em nossa região: os próprios pais levam seus filhos ainda pequenos para a cidade e deixam com seus padrinhos ou parentes bem próximos como tios e irmãos mais velhos para estudarem. Isso ocorre pelo fato de não terem condições financeiras para sustentarem seus filhos, isso porque, em geral, as famílias dos ribeirinhos são bastante numerosas. Leiamos a história:

> Em uma determinada manhã, uma senhora e sua filha estavam à beira de um igarapé. Enquanto a mãe cuidava da tarefa corriqueira de lavar roupa, a filha, inocentemente, brincava nas águas. Em um lapso temporal, a singela menina viu pairando sobre as águas, a uma distância mediana e encoberta parcialmente pela vegetação, uma mulher de beleza indescritível, de vestes brancas reluzentes e cabelos ondulados que a chamava constantemente para perto de si. Sem saber discernir o que estava vendo, a infante relutou, mas, devido a insistência da mulher e sua aparência angelical, a criança mencionou sair da água e correr para bem longe. Porém, nesse instante, uma pequena onda, de forma inesperada, surgiu impulsionando a menina em direção àquela que acenava nas águas. Nesse momento, sua mãe, até então distraída pelos afazeres, percebeu algo estranho e imediatamente puxou a menina pelo braço para fora da água, o que ocasionou também o desaparecimento da figura feminina que acenava sobre as águas. Desse momento em diante a criança passou a conviver com constantes dores de cabeça e muitas alucinações (SILVA, relato oral, comunidade Igarapé do Onça, 2020)[5].

Essas e outras histórias são muito comuns na vida dos ribeirinhos e comunitários que moram às adjacências do município de Santarém. São narrativas alegóricas, supersticiosas, imaginativas, porém carregadas de muita emoção, cheias de elementos fabulosos e revestidas de veracidade, segundo os seus autores.

Os contadores dessas narrativas, ainda que os fatos não tenham

[5] - Josivaldo Silva é morador da comunidade Igarapé do Onça. Ele fez um relato oral de um caso ocorrido em 1997 com uma jovem de nome Josiane.

relação direta com eles, passam a contar como se tivesse acontecido. Acreditam que é pura realidade o fato noticiado. Já para quem vivencia as experiências com esses seres místicos como o Boto, a Mãe D'agua, torna-se cativo dessas experiências e os momentos, por sua vez, tornam-se inesquecíveis. Passando a fazer parte da vida de cada um.

Mesmo que o fato narrado acima tenha acontecido com uma criança, crê-se que o enredo da lenda da Mãe D'água culmina no desaparecimento de homens que são encantados pela sua beleza fascinante. O que justificaria os afogamentos.

As lendas são elencadas como histórias oriundas na região amazônica. Entretanto, devemos destacar que é popular também nas demais regiões brasileiras. Levando em conta as lendas, podemos sugerir como estratégias de letramento:

- Produção escrita em prosa a partir da temática abuso sexual ou gravidez na adolescência;
- Oportunizar espaço para que os alunos leiam suas produções e as dos seus colegas;
- Realizar um processo de aprimoramento da leitura interpretativa da temática extraída da lenda do boto;
- Correlacionar os modos de analisar vida: racional e emocionalmente;
- Apresentar aspectos relacionados à linguagem conotativa do texto literário;
- Fazer uma exposição das lendas no mural da escola.

Por fim, produção de um microfilme intitulado "O Boto e a Mãe d´água: os guardiões dos rios santarenos", assim como a apresentação de um desfile de *cosplay*[6], momento no qual os alunos pesquisarão os caracteres físicos

[6] - De acordo com a página da Vila Anime, no Facebook, *Cosplay* é um termo em inglês, formado pela junção das palavras *costom* (fantasia) e *roleplay* (brincadeira ou interpretação). É considerado um *hobby* no qual os participantes se fantasiam de personagens fictícios da cultura pop japonesa. Um *cosplay* pode estar relacionado com personagens de games, animes e mangás, porém podem também englobar qualquer outro tipo de caracterização que pertença a cultura pop ocidental. Normalmente, os *cosplayers* (pessoas que fazem *cosplay*) são fãs dos personagens que representam e das respectivas séries, filmes, games ou desenhos a que este personagem pertence. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/184665938933177/>. Acesso em 12 jan. 2021.

das personagens descritas nas lendas do Boto e Mãe d'água e usarão vestimentas e adereços típicos que representem esses seres.

3.2 Comunidades tradicionais: os ribeirinhos de Santarém.

Para Geertz (1989), as relações humanas são carregadas de forte simbolismo. Em cada ambiente o ser humano usa meios para expressar suas concepções e atribuir significados aos seus costumes, às suas crenças. Desse modo, o comportamento humano possuiu uma carga expressiva de muitos atos de representação dessas simbologias. Para o autor, os códigos peculiares e específicos são frutos de fatos que são vistos, mas são fáceis de serem interpretáveis, dependendo do ângulo de onde estamos posicionados, teremos visões diferentes sobre o mesmo fato.

Tendo por base a discussão dos autores, parte-se do entendimento de que o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, as diferentes relações sociais e mesmo posturas comportamentais e corporais são produto de um patrimônio cultural resultado da operação de uma determinada cultura.

Entendemos a necessidade de se analisar a cultura das comunidades tradicionais de Santarém, tendo em vista que estas possuem um sistema cultural que não dissocia o homem da natureza, o que permitem o manejo do ambiente sem a degradação dos recursos naturais, possibilitando uma gestão sustentável dos recursos naturais a partir do *etnoconhecimento*.

Nesse sentido, a região amazônica do ponto de vista das narrativas míticas é carregada de lendas, mistérios, contos e superstições. E os moradores dessa região são os principais elos de expressão da cultura local, os quais vivem uma vida simples à beira de igarapés e à margem de rios. São belos contadores de histórias, sejam elas imaginadas ou vivenciadas por eles.

Os povos ribeirinhos residem às proximidades dos rios e têm a pesca artesanal como principal atividade de sobrevivência. Cultivam pequenas produções familiares para consumo próprio, assim como atividades extrativistas.

Devido viverem bem distantes do centro urbano do município de Santarém, desenvolvem um jeito peculiar quanto à linguagem.

O traço linguístico é um acento bem marcante nas comunidades que cercam o rio Tapajós. A título de exemplo segue abaixo tabela de palavras comumente usadas por eles para explicar seus causos, contos, lendas e suas histórias fantásticas. Veja:

Variante Formal	**Variante dos Ribeirinhos**
✔Motor	✔Mutu
✔ao lado	✔Ilharga
✔canoa pequena	✔bote
✔comida pastosa	✔angu
✔coceira	✔pira
✔sério?	✔olha já!
✔Boto	✔Butu
✔Engravidar	✔emprenhar
✔orgulhoso	✔pávulo

Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação, 2021.

Desse modo, o falante nativo das regiões m costume ais distantes de Santarém assim se comunicam:

__ Tenhu qui arrumá u *mutu* do meu *bote.*

__ mininu, me dá essa chavi aí na tua *ilharga* e vê se comi logu essi *angu*! __ *Olha já*, tu tá muito *pávulu* pru meu gosto, cuida logo dessa *pira* no teu braço. __ A filha da Chiquinha *emprenhou du butu*.

Esses traços linguísticos são marcas pertencentes aos ribeirinhos. São acentos marcadamente regionais de uma variante que se reveste do localismo para expor a cultura e o conjunto de elementos que permeiam as comunidades habitáveis às margens do rio Tapajós.

A população de Santarém é composta por dois grupos distintos de

pessoas, os da zona urbana e os da ribeirinha. São muitas as comunidades situadas às margens dos rios Amazonas e Tapajós.

Geograficamente, as comunidades são classificadas por regiões: as que vivem no alto e no baixo Tapajós. São comunidades agroextrativistas que têm sua economia à base de programas sociais do governo, da agricultura de subsistência e, principalmente, da pesca artesanal.

Em geral, são famílias numerosas, em torno de oito a dez indivíduos da mesma família. Moram em palafitas (pequenas casas flutuantes cercadas com palhas). Ressaltamos que o acesso à informação é bastante limitado, inclusive algumas comunidades não têm sequer energia elétrica e usam lamparinas (utensílio feito de lata e pavio de algodão que usa, como combustível, querosene ou óleo diesel).

Usam como único meio de transporte pequenas embarcações, denominadas de “bajaras” (canoa impulsionada a motor) e trafegam pelos rios Tapajós e Amazonas, rios que servem de ruas para esse povo que se utiliza de canoas, barcos, rabetas, bajaras e demais embarcações de pequeno porte. Buscam nesses rios sua principal fonte de subsistência, a pesca.

Ressaltamos que o município de Santarém, além do belíssimo rio Tapajós, é banhado também pelo imponente rio Amazonas, o maior do mundo, onde estão localizadas numerosas comunidades ribeirinhas tais como: Arapixuna, Costa do Tapará, Guajará, Membeca, Inanu, Aracuri, Piraquara dentre tantas outras, onde tais lendas são amplamente difundidas e ainda servem como fontes inspirativas para as muitas narrativas lendárias que dão nome a este trabalho. Geralmente, os habitantes dessas comunidades que margeiam às adjacências do rio Amazonas, assim como as do Tapajós, têm vida simples e as mesmas fontes de sustento. A pesca artesanal é a principal fonte de renda e de subsistência.

Frisamos ainda que é muito comum nessas comunidades ribeirinhas, tanto do Tapajós quanto do Amazonas, a prática da “*Piracaia”* e do *“lual”. M*omentos estes significativos e propícios à contação de lendas. São feitos em noites de lua cheia e os participantes sentam para ouvir e recepcionar as belas e fabulosas histórias, sejam elas de Botos, Mãe D’agua, Cobra Grande, Mapinguari e outras.

É importante esclarecer o significado de *piracaia* e de *lual*. A *piracaia* é

um momento no qual as pessoas reúnem-se à beira de uma praia, em volta de uma fogueira para fazerem uma refeição. O prato principal é o peixe fresco, pescado na hora do leito do rio. É assado na brasa da fogueira preparada para aquecer os convivas. Esse prato é regado com muita pimenta, limão, sal e molho de tucupi (licor extraído da mandioca), além da farinha de mandioca puba. Já o *lual*, por sua vez,

como o nome sugere, é feito à noite sob a luz parda do luar. Trata-se de um momento festivo entre comunitários, ao som de um violão e poesias. Acontece também na praia e é marcado por cantos regionais, acompanhado de danças.

3.3 A linguagem ficcional do conto: o tecido encantador do texto literário

Nas palavras de Corso e Corso (2006)

> Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes formas de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem.

Comumente a escola dá maior enfoque ao universo da literatura em sala de aula, especialmente a partir do 6º ano, e desconsidera como objeto pertinente para esse estudo o conto maravilhoso. Normalmente esse tipo de narrativa é ainda considerado em alguns segmentos como um texto mais adequado apenas ao universo infantil.

Nessa ótica, muitas vezes são excluídos da prática de leitura o sonho, a fantasia, o fantástico, a imaginação, o universo mítico, o imaginário coletivo que está na gênese do ato de narrar, nas chamadas narrativas primordiais míticas, nas primeiras epopeias, especialmente, na narrativa ocidental.

Os autores Corso e Corso (2006, p. 22) comentam que: “A ficção, infantil ou adulta, supre os indivíduos de algo que não se encontra facilmente em outros lugares: todos precisamos de fantasia, não é possível viver sem escape. Para suportar o fardo da vida comum é preciso sonhar”.

Isso também revela a necessidade de revisão de uma prática no âmbito da escola: o conhecimento/reconhecimento da cultura popular como conteúdo

essencial que predispõe para uma reflexão mais consistente sobre as raízes do indivíduo, em práticas sociais, no imaginário coletivo, na formação da personalidade social. O conto maravilhoso está relacionado com um dos mais antigos gêneros da tradição oral: o conto popular.

O conto popular nasceu no dia em que o homem descobriu que podia colocar sua voz a serviço de sua imaginação, criando situações, pessoas, lugares, sonhos, em histórias que pudessem correr o mundo, sem nunca envelhecer.

A leitura ou releitura do conto representa uma reação ao positivismo, ao cientificismo que ignorou a ideia de transcendência ligada ao ser humano, tornando-o mero resultado da evolução da matéria.

Reflete sobre a importância de se reconsiderar a volta ao maravilhoso como um dos caminhos para o ser humano perceber outros sentidos para a sua existência. O onírico, o fantástico e o imaginário deixaram de ser vistos como pura fantasia, para serem pressentidos como portas que se abrem para verdades humanas ocultas. O conto de fadas se torna uma manifestação valiosa na representação dos sonhos e dos desejos humanos, os mais profundos e significativos.

Para Eliade (1998), o conto de fadas tem um caráter implícito do qual o leitor muitas vezes não se apercebe:

> (...) o conto reata e prolonga a “iniciação” ao nível do imaginário. Se ele representa um divertimento ou uma evasão, é apenas para a consciência banalizada e, particularmente, para a consciência do homem moderno; na psique profunda, os enredos iniciatórios conservam sua seriedade e continuam a transmitir sua mensagem, a produzir mutações. Sem se dar conta e acreditando estar se divertindo ou se evadindo, o homem das sociedades modernas ainda se beneficia dessa iniciação imaginária proporcionada pelos contos (ELIADE, 1998, p. 174).

Coelho (2003, p. 29) afirma que foi principalmente a partir do século XVIII que pesquisas e estudos arqueológicos descobriram escritos e registros que comprovaram ser verdadeiras histórias e lendas antes consideradas inventadas em tempos remotos.

Dentre essas descobertas há registros que comprovaram a existência de Tróia, base do poema épico Ilíada, de Homero, fonte de narrativas ocidentais. Em outras descobertas afloram narrativas da memória popular, difundem-se pesquisas em que muito de memória nacional das nações é revelado em fábulas, lendas, mitos. E descobre-se que de povos e regiões

diferentes surgem narrativas comuns.

Segundo Lajolo (2001), o resultado das pesquisas localiza como uma das raízes dos textos populares a fonte oriental, Índia, séculos antes de Cristo, que vai se fundir com a fonte latina (greco-romana) e com a fonte céltico-bretã, responsável pelo nascimento das fadas.

> Os mitos e espaços poéticos nascem não só com a realidade circundante, compartilhada por autor e leitores, mas também do diálogo com tudo o que vindo de tempos anteriores constitui a chamada tradição literária. É como se a literatura fosse um constante passar a limpo de textos anteriores, constituindo o conjunto de tudo, passado e presente, um grande e único texto (LAJOLO, 1982, p. 48).

Uma característica que marca o conto maravilhoso é o encantamento, a magia que permite que as leis naturais sejam transgredidas, dando lugar aos fatos extraordinários. Desse modo, a imaginação pode expandir-se e desafiar o raciocínio e a ordem.

A condição de transgressão das leis naturais confere ao conto a possibilidade de desenrolar-se a partir de uma lógica diferente da regida pelas leis do mundo real: tempo, espaço, personagens, acontecimentos são regidos por leis totalmente distintas das que conduzem o nosso cotidiano.

A par da característica didática, de ensinamentos morais, que alguns contos populares e contos maravilhosos expressam, há que se ressaltar que essa lógica transgressora das leis naturais, todavia, não atua como um obscurecimento da reflexão e da análise sobre o ser humano.

Pelo contrário, permite que as razões mais profundas das atitudes humanas possam vir à tona nas narrativas sem os bloqueios ou as convenções que impedem que as manifestações mais espontâneas dos desejos, dos medos, das fantasias, muitos deles universais, mas que só habitam as camadas de nosso subconsciente.

Nesse sentido, configuram-se os contos e as lendas numa perspectiva de auxiliar nossa conduta humana a buscar explicativas para os inúmeros mistérios que o raciocínio lógico tenta entender, porém só são tangíveis mediante o encontro do homem com a arte, em especial, com a arte literária.

Sobre a autora Marina Colasanti

Marina Colasanti é uma escritora, jornalista e tradutora brasileira.

Autora de poemas, contos, literatura infantil e juvenil recebeu diversos prêmios, entre eles o Prêmio Jabuti e o Prêmio Portugal Telecom de Literatura (FRAZÃO, 2021).

Nasceu na cidade de Asmara, capital da Eritreia, na África, no dia 26 de setembro de 1937. Morou na Líbia, Trípoli e depois na Itália. Em 1948 veio para o Brasil, instalando-se na cidade do Rio de Janeiro. Formou-se em Artes Plásticas.

Em 1962, Marina ingressou no Jornal do Brasil onde foi redatora, cronista, colunista, ilustradora, subeditora. Foi editora do Caderno Infantil, participou do Suplemento do Livro com numerosas resenhas. Foi também editora da seção Segundo Tempo do Jornal dos Sports. Permaneceu no jornal até 1973.

Em seguida, passou a assinar seções para as revistas Senhor, Fatos e Fotos, Ele e Ela, Fair-play, Cláudia e Joia. Em 1976 ingressou na Editora Abril, onde exerceu a função de Editora de Comportamento para a revista Nova. Recebeu o Prêmio Abril de Jornalismo em 1978, 1980 e 1982. Em 1986, de fevereiro a julho, escreveu crônicas para a revista Manchete. Em 1992 deixou a Editora Abril.

A escritora exerceu várias atividades na televisão, foi entrevistadora do programa Sexo Indiscreto, na TV Rio, entrevistadora do programa Olho por Olho, na TV Tupi, editora e apresentadora do noticiário Primeira Mão, na TV Rio, apresentadora e redatora do programa cultural Os Mágicos, na TVE, foi âncora do programa cinematográfico Sábado Forte, na TVE e âncora do programa Imagens da Itália, na TVE, patrocinado pelo Instituto Italiano de Cultura.

Colasanti é autora de mais de 50 títulos publicados no Brasil e no exterior. É uma das mais premiadas escritoras brasileiras. Entre eles destacam-se: diversos Prêmios Jabuti da Câmara Brasileira do Livro – 1993 – Entre a Espada e a Rosa, 1994 – “Rota de Colisão”, 1994 – “Ana Z, Aonde Vai Você?”, 1997 – “Eu Sei, Mas Não Devia”, 2010 – “Passageira Em Trânsito”, 2011 – “Antes de Virar Gigante” e 2014 – “Breve História de Um Pequeno Amor”. Foi também premiada diversas vezes pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Em 2011 recebeu o Prêmio Portugal Telecom de Literatura – 3º lugar, com “Minha Guerra Alheia”.

Marina Colasanti traduziu importantes obras de autores da literatura

universal, entre eles, “As Aventuras de Pinóquio”, de Carlo Collodi, 2002, “A Pequena Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Caroll, 2015 e “Imagine”, de John Lennon, 2017. Ainda na carreira de jornalista, Marina escreveu crônicas semanais para o Jornal do Brasil entre 2005 e 2007, e para o Jornal Estado de Minas entre junho de 2011 e março de 2014. Marina é casada com o também escritor, Affonso Romano de Sant’Anna, desde 1971 e juntos têm duas filhas.

Os dois contos escolhidos para este trabalho fazem parte do livro: “23 histórias de um viajante”[7], eleito em 2007 para compor uma série de oficinas de textos. Livro esse proposto pela Fundação Nestlé para um trajeto literário de incentivo à leitura.

Os contos da autora conseguem dialogar com as lendas selecionadas. Ambos os textos enfatizam temas que estão relacionados diretamente com o público jovem. Tanto os dois contos quanto as duas lendas configuram pertinência de assuntos que se imbricam e buscam relacionar as narrativas, mesmo que fantasiosas, com as situações da vida diária, das relações sociais e do contato da vida com seres místicos.

Nesse sentido, procuramos caminhar pela trilha dos diálogos intertextuais, de modo a aproximar o aluno de realidades da vida comum que estão no campo das ficções. Por essa razão, frisamos, a princípio, algumas possibilidades de atividades que contemplem essa busca de levar o aluno a imergir no texto com a finalidade de promover um leitor capaz de ler e inferir propósitos comunicativos a partir da leitura feita.

Seguem os objetivos para se cumprir com essa proposta:

- ✔Promover um diálogo sobre conto. O que é uma narrativa? O que é um conto?
- ✔Comparar as semelhanças e as diferenças entre o que aluno expressou, mediando comentários sobre cada opinião;
- ✔Organizar as respostas e comentários dos alunos em um cartaz a ser afixado no mural da sala de aula;
- ✔Incentivar a criatividade oral e escrita do aluno;

[7] - O livro pode ser encontrado no site <https://www.skoob.com.br/livro/pdf/23-historias-de-um viajante/22055/edicao:23899>. Acesso em 5 fev. 2021.

✔Entregar aos alunos cópias do conto mencionado;

✔Oportunizar leitura silenciosa;

✔Eleger dois alunos para lerem em alta voz;

✔O professor fará uma leitura do conto para que os alunos compartilhem suas impressões;

✔Os alunos receberão três parágrafos do conto para darem continuidade ao texto com suas experiências literárias.

Conto 1. "No aconchego de um turbante"

Síntese do conto:

No conto "No aconchego de um turbante" da autora Marina Colasanti apresenta uma história de um príncipe, herdeiro de grande fortuna, resolve ter o maior turbante jamais visto. É no turbante que uma cegonha faz seu ninho e muda a vida do jovem. Trata-se de uma narrativa baseada num discurso muito próximo ao universo do jovem aluno, utilizando-se de palavras que fazem parte mundo do leitor. Ao ler o conto, o aluno vai poder verificar, a partir das palavras do seu universo diário, metáfora de poesia, incentivando a fruição da leitura. Desse modo, o conto sugere que, ler é algo natural e dá prazer.

Conto 2. "Com certeza tenho amor"

Síntese do conto:

Neste texto, o narrador revela que uma moça foi cortejada por 11 irmãos. O mais jovem dos 11 irmãos saltimbancos apaixona-se perdidamente pela moça e é correspondido no amor que não podia ser. Um texto que expressa a razão dos sentimentos mais profundos da alma humana, o amor, porém, não pode se concretizar devido aos abismos sociais entre a bela moça e o gentil rapaz.

Enfatizamos que a síntese sobre os dois contos mencionados juntamente com atividades são parte de uma sugestão de proposta a ser encorpada no capítulo 3 e tratada específica e detalhadamente no capítulo 4. Este versa sobre as atividades e os procedimentos metodológicos a serem

adotados na busca de auxiliar o aluno a se tornar um leitor proficiente de textos por meio do letramento literário e de promover em colaboração com os estudantes a valorização da cultura local.

4. PERSPECTIVAS SOBRE A SUGESTÃO DE ATIVIDADES

Fazer não é uma tarefa fácil, mas necessária. Com base nessa premissa, teríamos nos lançado para fazer as atividades planejadas no interior do projeto da pesquisa-ação, cujo enfoque central seria promover uma sequência de atividades com fundamento nas concepções propostas por Cosson (2014) numa sequência sobre letramento literário, tendo como elementos basilares os gêneros textuais conto e lenda.

Porém, em virtude de uma excepcionalidade, como já é do conhecimento de todos, não foi possível a aplicação das atividades. No entanto, como comentado, esta atividade alinha-se em apresentar uma sugestão de estratégias de leitura e compreensão de contos e lendas, com a finalidade de promover na vida do aluno uma possibilidade de torná-lo um proficiente leitor com capacidade de ler um texto e de analisar suas entrelinhas.

Afirmamos que este trabalho abre um leque de estratégias a respeito de leituras e interpretações, as quais podem ser desenvolvidas com turmas do Ensino Fundamental II.

Nessa predisposição, manter os devidos contatos com os responsáveis pelos alunos é fundamental. Por se tratar de turmas com menores de idade, há necessidade de solicitar a devida autorização para que os alunos, como protagonistas do processo de aprendizagem, tenham concordância dos seus responsáveis para qualquer divulgação de seus nomes e imagens caso haja publicação de projetos nas redes sociais.

A finalidade principal é deixar os familiares mais próximos da escola e explicar os passos do projeto que são aplicados em efetiva colaboração com os discentes. Não há dúvida de que a escola é a principal agência de letramento. Tem em suas mãos a capacidade de contribuir na formação leitora do aluno.

Compreendemos que a parceria com a gestão da escola e com o corpo pedagógico é de extrema importância. Auxiliam consideravelmente na aplicação das estratégias de atividades que são mais dinâmicas e coletivas.

De início, vinculamo-nos ao PPP (Projeto Político Pedagógico). Documento que instrumentaliza a escola e serve como baliza para tomadas

de decisões pedagógicas. É essencial que os projetos de natureza mais abrangente, voltados à comunidade escolar e que envolvam discentes menores de idade estejam contemplados no Projeto Político da Escola e endossados pelo gestor e pela coordenação pedagógica. Vale ressaltar que esta proposta seria aplicada em uma turma de 9° ano numa escola pública de Santarém, denominada de Prof. Aluízio Lopes Martins. A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Aluízio Lopes Martins, com seus principais objetivos, metas e ações previstas para um período de 03 anos, visa à formação de cidadãos e cidadãs conhecedores de seus direitos, com autonomia, criticidade e conduta solidária.

Não paira nenhuma dúvida de que a função social da escola é garantir o direito a todos a terem acesso aos conhecimentos acadêmicos, crescimento intelectual, pessoal, espiritual, cultural e profissional.

Além disso, busca identificar o estudante como sujeito do sistema linguístico, que produz diversos gêneros, usando as variedades linguísticas como premissa básica para sua inserção social e desenvolvendo o raciocínio matemático, cujo ensino parte da realidade de seu cotidiano e correlaciona-o com outros conhecimentos mais sistemáticos e formais.

Salienta-se que o educador e o educando, no processo de ensino e de aprendizagem, são reconhecidos como sujeitos cooperadores e partícipes dos componentes curriculares que permeiam a vida escolar, de modo a conduzir tanto professor como aluno ao exercício consciente da cidadania, além de empoderar-se da base prático-teórica das demais áreas do conhecimento.

Ressaltamos que a instituição escolar Aluízio Martins age em consonância com o catálogo das leis que disciplinam a educação brasileira (LDBEN-Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional e a nova Matriz Curricular), assim como o instrumental jurídico que ampara a criança e o adolescente (Estatuto da Criança e do Adolescente), além das deliberações do Conselho Estadual da Educação (CEE), bem como às políticas públicas e programas dos governos federal e estadual, e , por fim, alinha-se ao do plano de trabalho da equipe técnico-pedagógica, corpo docente e demais servidores que compõem o quadro funcional da escola.

Desse modo, faz-se necessário zelar pelo bem-estar da comunidade escolar. O principal papel da escola no seio da comunidade estudantil é proporcionar a construção de hábitos e de atitudes saudáveis e

indispensáveis ao bom convívio social e à melhoria da qualidade de vida.

A participação da família e da comunidade na vida da escola é fundamental para que o ser humano se desenvolva plenamente, conforme é preceituado e estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente-Lei nº 8.069/1990 no seu art. 4º, como se expressa:

> É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Aluízio Lopes Martins está situada à Rua Salvação S/N, Bairro do Maracanã. Recebeu esse nome em homenagem a um servidor do Estado que faleceu em 1986, vítima de um acidente quando estava seguindo para uma atividade sindical da educação na cidade de Conselheiro Lafaiete, MG. Nessa cidade, ele representaria a categoria dos professores de Santarém-Pará.

Atualmente, a escola funciona em três turnos (manhã, tarde, noite), sendo assim distribuídos: Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano com 422 alunos; Ensino Médio Regular do 1º ao 3º ano com 547 alunos; Educação de Jovens e Adultos (EJA nível médio) com 194 alunos e Projeto Mundiar Médio com 90 alunos. Totalizando 1253 alunos.

A comunidade escolar atendida é constituída basicamente por crianças, adolescentes, jovens e adultos na faixa etária de 11 a 50 anos de idade. Esse público pertence a uma classe bastante vulnerável e hipossuficiente. Residentes de uma grande área chamada pelo nome de Grande Área do Santarenzinho. Recebe esse nome por compreender inúmeros outros bairros, os quais estão no entorno da grande área. Muitos desses alunos são reféns de círculos sociais manchados pela violência, pelo crime e pelo tráfico de drogas, além de viverem em lares com extrema desassistência familiar.

Mesmo diante desse quadro de vulnerabilidade social do público estudantil, e em meio a tantas adversidades, a escola propõe-se:

1. Formar cidadãos críticos e comprometidos com a construção de sua história, tendo como balizas a participação, o respeito, a valorização do outro, a união, o compromisso e a excelência.

2. Ser uma escola de referência da Rede Estadual de Ensino no município de Santarém com a oferta de um ensino eficaz e comprometido com a melhoria de vida dos alunos, por meio do trabalho participativo e do respeito mútuo, valorizando a unidade entre os colaboradores escolares e a participação da família.

3. Promover a educação por intermédio de um ensino de qualidade, assegurando na forma da lei, o acesso e a permanência dos discentes na vida escolar, de maneira a formar cidadãos críticos e comprometidos com a construção de uma sociedade justa e solidária.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Aluízio Lopes Martins trabalha para minimizar os indicadores que levam o alunado à desistência dos estudos e, consequentemente, ao fracasso escolar, visando contribuir para que os índices educacionais melhorem.

Para isso, o trabalho da escola se volta a implementar atividades que vinculem a projetos de curto e de longo prazo. O objetivo é integrar os conteúdos com a vivência do educando a fim de dinamizar as práticas pedagógicas dos docentes com a possibilidade de incentivar o aluno a buscar com autonomia o conhecimento.

De acordo com Libâneo (2010)

> O trabalho docente não se reduz à pura transmissão de conhecimento, nem à crença de sua apropriação espontânea pelo aluno, nem à mera formação política. É um processo simultâneo de transmissão/assimilação ativa, onde o professor intervém trazendo um conhecimento sistematizado e onde o aluno é capaz de reelaborá-lo criticamente com os recursos que traz pra situações de aprendizagem [...] supõe-se, aí, um trabalho competente do professor, seja no domínio da matéria, seja no domínio metodológico, a fim de que o trabalho docente tenha efeitos formativos duradouros, em termos de sua relevância para transformação do mundo social.

A escola deve ensinar conteúdos curriculares concomitantes com as práticas e valores da vida. O papel do educador é criar condições e meios para que os alunos desenvolvam suas capacidades e habilidades intelectuais por meio de uma educação que prima pela qualidade.

Alinhado a isso, é imprescindível que a família seja copartícipe na condução do aluno pelo universo do mundo letrado. Além do mais, acompanhamento educacional dos filhos não somente é importante para sua formação humana como também é dever dos pais. Por isso, família e escola são bases fundamentais para que uma pessoa tenha sonhos e faça desses

sonhos projetos de vida.

Com base no exposto e com fundamento na Constituição Federal, especialmente no que versa o enunciado no art. 205, CF/ 88, aos pais reclama um dever escolar muito maior do que o dever do Estado no fornecimento da educação. Vejamos: A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Nesse sentido, temos a clareza e sustentamos que a escola, como promotora do ensino, tem um papel essencial e inalienável à formação de indivíduos mais letrados e mais humanos, porém, a família em nenhuma hipótese, deve eximir-se de seu preponderante e inegociável papel social nessa tarefa de educar para a vida e para o bom convívio social.

Dada a importância vital do ato educativo, é necessário que a educação seja vista como um bem social pela família que visa o bem do aluno. Com esse olhar será possível demonstrar interesse e acompanhar os estudos de seus filhos, além de poder contribuir para estimulá-los a verem na escola a projeção e o bem-estar de suas vidas.

Como já mencionado nos parágrafos iniciais, seriam desenvolvidas atividades com os alunos, todavia fomos interrompidos pela Covid-19. Em virtude desse acontecimento excepcional, foi necessário redimensionar toda a gama de atividades que havia sido apresentada aos alunos e aos seus responsáveis.

Com isso, ao invés de trabalhar com a turma inteira, com 40 alunos, houve uma inevitável necessidade de se fazer uma escolha difícil, porém fundamental. Resolvemos trabalhar apenas com uma amostragem de 10 alunos para desenvolver os momentos de leitura e de produção com os textos “No aconchego de um turbante”, “Com certeza tenho amor” e as lendas do Boto e da Mãe D’água.

Mais um desafio inovador estava posto: fazer uso dos recursos tecnológicos para se ministrar aulas em atividades remotas. Em diálogo com o professor orientador, com a escola e com os alunos, partimos para fazer uso de aplicativos como *WhatsApp, Google Meet, Zoom* e outros. Foi bem desafiador.

No entanto, essa estratégia não foi factível. Os alunos não possuíam de

recursos tecnológicos em suas residências e a escola não recebe recursos para disponibilizar internet gratuita à comunidade estudantil. Além disso, quando os estudantes têm celular não têm dados móveis, e vice-versa. Enfim, várias barreiras não nos permitiram trabalhar essa modalidade de ensino.

Nesse sentido, não houve possibilidade de desenvolver o que estava proposto mesmo a um número reduzido de alunos: os momentos de leitura e de produção textual sobre contos e lendas por meio dos recursos tecnológicos.

Foi feita a tentativa, mas em virtude dos muitos percalços encontrados ao longo da trajetória para desenvolver as atividades não foi possível lograr êxito. Os alunos não corresponderam positivamente. Não dispunham de recursos para terem acesso ao mundo digital.

Portanto, não foram aplicadas as estratégias de leitura e de produção mesmo a um número reduzido de alunos. As dificuldades se agigantaram frente à pandemia e os alunos foram impossibilitados pela falta de acesso aos recursos tecnológicos.

Assim, apresentamos abaixo a sugestão de atividades como proposta de sequência básica de letramento literário para ser aplicada com turmas do Ensino Fundamental II.

4.1 Sugestão de atividades para trabalhar o letramento literário

Frisamos inicialmente, como já muito comentado no decorrer deste trabalho que não foi possível a aplicação desta proposta de atividades. No entanto, seguem abaixo os passos planejados como sugestão de atividades a serem aplicadas com turmas do ensino fundamental II.

De início, são apresentados os dois contos da escritora Marina Colasanti. Em ambos fazemos uma exposição mais minuciosa das estratégias que podem ser aplicadas a partir dos textos sugeridos.

Espera-se que os alunos saiam de uma leitura rasa, decodificadora, para uma compreensão significativa. As atividades devem levar os alunos a tornarem-se mais autônomos e capazes de interpretar criticamente os textos lidos.

Na sequência, apresentamos as lendas, também duas, O Boto e a Mãe

d’água. Nelas estão contidas as estratégias e atividades que podem ser desenvolvidas ao longo das aulas. O propósito é conduzir os alunos a perceberem que são capazes de extrair elementos que estão subjacentes nas entrelinhas dos textos.

4.1.1 O conto: No aconchego de um turbante

No aconchego de um turbante

O único filho do velho vizir demonstrava ter herdado a sabedora do pai. Com a morte deste, porém, herdou-lhe toda a fortuna. Logo empenhou-se em gastá-la. Novos palácios, novos elefantes, novos trajes suntuosos, novas joias, novas babuchas bordadas. Fez-se imperioso ter um novo turbante.

Chamados, os mercadores de tecidos derramaram-se aos seus pés damascos, veludos, brocados, cobrindo de cores e brilhos o mármore do salão, sem que nada satisfizesse o exigente jovem. Afinal, entre tantas, escolheu uma peça de delicada seda cor de palha entretecida de fios de ouro. E, para a surpresa de quantos o rodeavam, exigiu que fosse toda ela utilizada na confecção do turbante. Haveria de ser o maior jamais visto por aquelas paragens.

Enrola, enrola, enrola, depois de muitas voltas o jovem viu-se coroado pelas espirais macias que, sobrepostas umas às outras, avançavam para lá da sua cabeça sombreando-lhe o rosto e os ombros, turbante amplo como um guarda-sol, que foi arrematado à altura da testa com uma esmeralda do tamanho de um ovo, e um discreto penacho.

Agora o filho do vizir podia, de modo condigno, pensar em outras maneiras de enfeitar sua vida e sua pessoa.

Estava justamente sentado em um banco do jardim, envolto nessas meditações, na manhã de quase verão em que uma cegonha, chegando cansada de longa migração, viu naquela estranha espécie de ninho a possibilidade de instalar-se sem delongas. Num último bater de asas, pousou bem no meio do turbante, eriçou as penas espantando a poeira da viagem, dobrou as longas pernas, ajeitou-se, e fechando as pálpebras pálidas adormeceu.

Paralisado de surpresa, o filho do vizir perguntava –se o que fazer.

Espantar animal tão benfazejo era impensável, não se enxota a boa sorte que nos escolhe. Compartilhar com ela o turbante seria impossível. De momento, porém, não havia outra solução à vista. Não seria por muito tempo pensou o jovem. Quando a cegonha acordasse, certamente encontraria pouso mais conveniente, uma boa chaminé, um topo de telhado, uma árvore.

Imóvel, o filho do vizir esperou.

Mas, se ele havia pensado com sua cabeça, outra era a cabeça da cegonha. Acordando muitas horas depois ela olhou em volta, e pareceu-lhe evidente que fosse onde fosse, jamais conseguiria fazer com seu duro bico e com gravetos secos ninho acolhedor como aquele. Nunca suas penas haviam sido acariciadas por contato tão suave. E até mesmo o leve perfume que emanava do turbante a envolvia como um agrado. Encolhendo em ondas de puro prazer o longo pescoço, a cegonha refestelou-se.

> A princípio no palácio e logo na cidade, comentava-se. Eleito por uma cegonha, o filho do vizir já não parecia tão leviano, dotes ocultos haviam de ter motivado aquela escolha. E de fato, o jovem, andando com passos pausados para manter o equilíbrio de tanto peso, adquiria postura mais severa, uma certa dignidade parecia transmitir-se a seus gestos. Nem mais se interessava por festas e como poderia entregar se a danças ou farrear com amigos, carregando aquela alada presença que mal via?
>
> Pela primeira vez consciente da própria cabeça, o filho do vizir descobria-lhe outros usos. Sem poder cavalgar, sem participar de torneios ou caçadas, deixava expandir seus pensamentos, refletia. E os serviçais surpreenderam-se vendo-o ocupado em leituras.
>
> Depois um dia, de repente, um estremecimento no alto, um seco estalar, e eis que a cegonha havia colhido com o bico a bela esmeralda que arrematava o turbante. Em vão o filho do vizir alongou o braço apalpando. Ela a havia metido debaixo de si juntamente com seus próprios ovos, e revidava a bicadas qualquer tentativa de invasão. Caído o penacho, perdida estava toda elegância.
>
> No palácio, porém, a ausência da esmeralda foi interpretada como um gesto de modéstia, e muito louvada.
>
> Passou-se uma semana, outras vieram puxadas por aquela. Quanto tempo demoram ovos de cegonha para eclodir?, indagou o filho do vizir. Agora mantinha-se quase imóvel, como no primeiro dia, não fosse um movimento em falso pôr a perder todo o esforço de vida que se desenrolava acima da sua cabeça. E parado meditava, sentindo-se parte daquele milagre.
>
> Sua expectativa teve fim no devido tempo, quando os filhotes nasceram anunciados por um pipilar estridente. E ao longo dos meses de verão ele acompanhou o alterar-se daquele pipilar, os chamados fazendo-se mais claros e fortes, enquanto minúsculas penas cinzentas caíam volteando do alto à medida que os filhotes se emplumavam.
>
> Não durou menos do que os outros, aquele verão. Mas o filho do vizir surpreendeu-se no dia em que uma agitação maior no turbante, seguida de um grande bater de asas, denunciou a partida. A cegonha e seus filhotes preparavam-se para a migração. O outono havia chegado.
>
> De baixo, o filho do vizir viu as grandes aves brancas saindo em voo da sua cabeça como se saíssem dos seus pensamentos, indo juntar se na distância a outras da sua espécie. Mesmo ao longe, distinguia se entre todas uma jovem cegonha verde.
>
> Diz-se que, ano após ano, as cegonhas voltam ao mesmo ninho. Pensando nisso talvez, o jovem filho do vizir deteve o gesto com que se preparava a desfazer as espirais puxando a ponta da longa seda. Com extrema delicadeza tirou o turbante inteiro da cabeça, e mandou que assim como estava, fosse depositado no mais alto telhado do palácio. (COLASANTI, 2005, p. 25).

Após a leitura do conto, sugerimos as seguintes atividades:

✔Promover um diálogo sobre conto e lenda por meio das seguintes questões: o que é uma narrativa? Qual a diferença entre conto e lenda? O que é um conto? O que é uma lenda? Quais contos e lendas os alunos conhecem e quais já leram?

- ✔Comparar as semelhanças e as diferenças entre o que aluno expressou, mediando comentários sobre cada opinião;
- ✔Organizar as respostas e comentários dos alunos em um cartaz a ser afixado no mural da sala de aula;
- ✔Incentivar a criatividade oral e escrita do aluno;
- ✔Verificar a capacidade criativa e o nível individual de apropriação da escrita dos alunos;
- ✔Em seguida, correlacionar com lenda do boto.

Neste gênero textual, além do imaginário popular são tratadas as seguintes temáticas: gravidez precoce e assédio sexual, uma vez que a narrativa expressa uma imagem de um jovem sedutor que, em noite de lua cheia, às margens dos rios da região do Tapajós, aproxima-se para encantar as moças, engravidá-las e abandoná-las no seio do rio.

A temática a ser analisada e discutida vai desde à graciosidade de um cetáceo da Amazônia, até o germinar de um encantamento de uma adolescente, que culmina numa gravidez indesejada. Há a mistura da leveza dos sentimentos e a ardência de uma paixão: frutos da adolescência.

4.1.2 Leitura da Lenda do boto

Paes Loureiro assim descreve a lenda:

> **Lenda do boto**
> O Boto é uma lenda amazônica que conta a estória de um pequeno delfim encantado, capaz de se transformar em um belo rapaz e que, sob esta forma humana, seduz de maneira irresistível as mulheres que habitam as margens dos rios. O Boto é um mamífero cetáceo, da família dos plastinídeos e delfinídeos marinhos ou de água doce, que pode alcançar mais de dois metros de comprimento e cerca de 70 centímetros de diâmetro. Corresponde, nas águas doces, ao delfim do mar. Entre as seis espécies conhecidas, três pertencem à bacia amazônica. O boto negro, assim como o vermelho, destaca-se das outras espécies. Acredita-se que o boto negro protege e que o vermelho seja o “Dom Juan das águas”, sedutor das jovens virgens e de mulheres casadas.

De acordo com conversa informal com os comunitários, a lenda, em dias festivos nas comunidades ribeirinhas, o boto sai do seu habitat nos leitos

dos rios nas primeiras horas da noite com um poder especial, transforma-se em um lindo jovem vestido com roupas brancas. Ele usa um chapéu branco para encobrir o rosto e disfarçar o orifício que se encontra em sua cabeça. Nas festas, com seu jeito galanteador e falante dança, bebe, comporta-se como um rapaz que passeia pela comunidade e aproxima-se das cunhantãs (moças indígenas ou ribeirinhas), seduzindo-as. Logo após, consegue convencer as tais jovens para um passeio à margem dos rios à luz do luar onde há o encantamento e a sedução do boto. Antes do amanhecer, o belo rapaz volta à sua forma original de boto, guardião das águas.

A partir da leitura dos textos acima, que os alunos sejam capazes de:

✔Produzir um pequeno texto a partir da temática “gravidez na adolescência”;

✔Oportunizar espaço para que os alunos leiam suas produções;

✔Realizar atividade de interpretação;

✔Refletir de maneira racional e emocional os fatos sobre a vida;

✔Relacionar a leitura literária da lenda com a leitura de mundo de cada um.

4.1.3 O conto: Com certeza tenho amor

Com certeza tenho amor

Moça tão resguardada por seus pais não deveria ter ido à feira. Nem foi, embora muito o desejasse. Mas porque o desejava, convenceu a ama que a acompanhava a tomar uma rua em vez de outra para ir à Igreja, e a rua que tomaram passava tão perto da feira que seus sons a percorriam como água e as cores todas da feira pareciam espelhar se nas paredes claras. Foi nessa rua, olhando através do véu que lhe cobria metade do rosto, que a moça viu os saltimbancos em suas acrobacias.

E foi nessa rua, recortada com uma silhueta em suas roupas escuras, o rosto meio coberto por um véu, que o mais jovem dos saltimbancos, atrasado a caminho da feira, a viu.

Era o mais jovem era o mais forte era o mais valente entre os onze

irmãos. A partir daquele encontro, porém, uma fraqueza que não conhecia deslizou para dentro do seu peito. À noite suspirava como se doente.

__ Que tens? __ Perguntaram-lhe os irmãos.

__ Não sei__ respondeu. E era verdade. Sabia apenas que a moça velada aparecia nos seus sonhos, e que parecia sonhar mesmo acordado porque mesmo acordado a tinha diante dos olhos.

> Àquela rua a moça não voltou mais. Mas ele a procurou em todas as outras ruas da cidade até vê-la passar, esperou diante da Igreja até vê-la entrar, acompanhou-a ao longe até vê-la chegar em casa.
> Agora sorria, cantava, embora de repente largasse a comida no prato porque nada mais lhe passava na garganta.
> __ Que tens? __ perguntaram-lhe os irmãos.
> __ Acho, não sei... _ Respondeu ele abaixando a cabeça sobre o seu rubor. __ Creio... que tenho amor.
> Na sua casa, a moça também sorria e cantava, largava de repente a comida no prato e se punha a chorar.
> __ Tenho... sim... com certeza tenho amor. __ Respondeu à ama que lhe perguntou o que tinha.
> Mas nem a ama se alegrou, nem se alegraram os dez irmãos.
> Pois como alegrar-se com um amor que não podia ser?
> De fato, tanto riso tanto choro acabaram chamando a atenção do pai da moça que, vigilante e sem precisar perguntar, trancou-a no quarto mais alto da sua alta casa. Não era um saltimbanco que havia de casar filha criada com tanto esmero.
> Mas era com saltimbanco que ela queria se casar.
> E o saltimbanco, ajudado por seus dez irmãos, começou a se preparar para chegar até ela.
> Afinal uma noite, lua nenhuma que os denunciasse, encaminharam-se os onze para a casa da moça. Seus pés calçados de feltro calavam
> se sobre as pedras.
> O mais jovem era o mais forte, teria ele que sustentar os demais. Pernas abertas e firmes, cravou-se no chão bem debaixo da janela dela. O segundo irmão subiu para os seus ombros, estendeu a mão e o terceiro subiu. O quarto escalou os outros até subir nos ombros do terceiro. E, um por cima do outro, foram se construindo como uma torre. Até que o último chegou ao topo.
> O último chegou ao topo, e o topo não chegou à altura da janela da moça. De cima a baixo os irmãos passaram-se a palavra. Os onze pareceram ondejar por um instante. Então o mais jovem e mais forte saiu debaixo dos pés do seu irmão deixando-o suspenso no ar, e tomando a mão que este lhe estendeu subiu rapidamente por ele, galgando seus irmãos um a um.
> No alto, a janela se abriu. (COLASANTI, 2005, p. 53).

Estratégias de atividades:

✔Entregar aos alunos cópias do conto acima;

✔Oportunizar leitura silenciosa;

✔Eleger dois alunos para lerem em alta voz;

✔O professor fará uma leitura do conto para que os alunos compartilhem suas impressões;

✔Os alunos receberão três parágrafos do conto para darem continuidade ao texto com suas experiências literárias.

4.1.4 Leitura da Lenda da Iara ou Mãe D'água

> **Lenda da Iara ou Mãe D'água**
> A Iara é uma lenda do folclore brasileiro. Ela é uma linda mulher que vive nos rios Amazônicos, sua pele é morena, possui cabelos longos, negros e olhos castanhos. A Iara costuma tomar banho nos rios e cantar uma melodia irresistível, desta forma os homens que a veem não conseguem resistir aos seus desejos e pulam dentro do rio. Ela tem o poder de cegar quem a admira e levar para o fundo do rio qualquer homem com o qual ela desejar se casar. Os índios acreditam tanto no poder da Iara que evitam passar perto dos lugares onde há relatos de seu aparecimento.
> Segundo a lenda, Iara era uma índia guerreira, a melhor da tribo, e recebia muitos elogios do seu pai que era pajé. Os irmãos de Iara tinham muita inveja e resolveram matá-la à noite, enquanto dormia. Iara, que possuía um ouvido bastante aguçado, os escutou e os matou. Com medo da reação de seu pai, Iara fugiu. Seu pai, o pajé da tribo, realizou uma busca implacável e conseguiu encontrá-la, como punição pelas mortes a jogou no encontro dos Rios Negro e Solimões. (EDUCA MAIS BRASIL, 2019, p. 16)

A partir do contato dos alunos com o texto acima, propor as seguintes estratégias:

- ✔O professor apresenta aspectos relacionados à linguagem do texto literário;
- ✔Intertextualizar com a lenda da Mãe D'Água o conto "Com certeza tenho amor";
- ✔Fazer uma exposição no mural da escola das principais lendas contadas na região de Santarém;
- ✔Criar uma paráfrase sobre uma lenda de Santarém.

Abaixo, de maneira mais detalhada, segue a sugestão de atividades.

4.2 Detalhamento das atividades

Este tópico volta-se para apresentar, de forma específica e detalhada, os passos a serem adotados para cumprir o letramento literário por meio de dois contos da autora Marina Colasanti e duas lendas de Santarém. O propósito não é apenas o letramento, mas também auxiliar o aluno a compreender sua realidade, e onde se encontra inserido, com a finalidade de que ele se autoafirme e valorize melhor sua cultura local.

4.2.1 O conto: No aconchego de um turbante

a) Atividade: leitura e interpretação

Tempo: 6 aulas

Objetivos:

✔Ampliar conhecimento de mundo/enciclopédico sobre a temática medo e solidão para motivar/sensibilizar para leitura do conto;

✔Conhecer breve biografia da autora;

✔Instigar interpretações sobre medo, solidão e sobre o título do conto.

Procedimentos metodológicos:

Conversar sobre o título do conto. Dialogar brevemente sobre as seguintes perguntas: o que nos causa medo? O que nos traz solidão? Como vencer o medo? De que forma afastar a solidão? Apresentar o livro onde o conto a ser lido está publicado e discutir seu título.

Em seguida, entregar aos alunos uma breve biografia impressa da escritora, além de exibir no datashow fotos da autora e conversar sobre as imagens.

b) Atividade: leituras

Tempo: 2 aulas

Objetivos:

✔Desenvolver e ampliar estratégias de compreensão do texto literário;

✔Desenvolver estratégias de leitura;

✔Compartilhar experiências e interpretações leitoras.

Procedimentos metodológicos:

Cópias do trecho inicial do conto serão distribuídas. Não será entregue o texto completo. A intenção é ocultar o final. Trabalhar intercalando leitura e interpretação. O professor lerá oralmente o conto. Discussão breve para aclarar possíveis dúvidas. Retomada do conto. A atividade será de forma silenciosa e individual dentro da sala, a interrupção será feita logo após. Ao término da estratégia proposta, formar grupos para reflexões e diálogos entre

os alunos sobre as atividades produtivas.

c) Atividade: leitura e ampliação de vocabulário

Tempo: 2 aulas

Objetivo:

✔Familiarizar os alunos com as palavras novas que aparecem no conto;

✔Ampliar o conhecimento de mundo/enciclopédico para auxiliá-los na produção textual.

Procedimentos metodológicos:

Discutir com os alunos se já viram ou mesmo utilizaram palavras novas que aparecem no texto.

d) Atividade: leitura e produção

Tempo: 4 aulas

Objetivos:

✔Desenvolver e ampliar estratégias de compreensão do texto literário;

✔Desenvolver estratégias de leitura;

✔Compartilhar experiências e interpretações leitoras;

✔Aprofundar conhecimentos sobre estrutura e elementos da narrativa;

✔Produzir um parágrafo final de um conto em grupos, ampliando as habilidades de escrita coesa e coerente de acordo com o gênero textual.

Procedimentos metodológicos:

Explicar aos alunos que foi retirado o final do conto com a intenção deles fazerem em grupos uma versão do parágrafo final. Ou seja, a nova versão escrita por eles será uma atividade de releitura e de produção, já que terão de retomar o texto, compreendê-lo para fazer uma escrita criativa e destacar aos alunos que a intenção não é nem tentar adivinhar, nem tentar se aproximar do final escolhido pela autora, mas criarem um final verossímil com o que conhecem da história até ali. Neste momento, o professor auxiliará os

grupos chamando atenção para aspectos presentes no conto: narrativa em 3ª pessoa; presença ou não de diálogos. As dúvidas levantadas pelos alunos serão socializadas e debatidas. Cada grupo revisará e reescreverá seu texto com o auxílio do professor. Relembrar e socializar sobre o que foi lido do conto até então.

Após a leitura oralizada dos finais produzidos pelos grupos. Propiciar um debate sobre semelhanças e diferenças dos finais.

e) Atividade: leitura e interpretação

Tempo: 6 aulas

Objetivos:

✔Desenvolver e ampliar estratégias de compreensão do texto literário;

✔Desenvolver estratégias de produção;

✔Reconhecer o texto literário como fonte de aprendizagem crítica e prazerosa;

✔Socializar experiências e interpretações leitoras;

✔Aprofundar conhecimentos sobre estrutura e elementos da narrativa.

Procedimentos metodológicos:

Leitura, interpretação e registro. Leitura do texto feita pelo professor. Debate sobre os temas apresentados durante as produções. Cada estudante revisará e reescreverá seu texto com o auxílio dos colegas e do professor.

4.2.2 O conto: Com certeza tenho amor

a) Atividade: leitura e interpretação

Tempo: 6 aulas

Objetivos:

✔Ampliar conhecimento de mundo/enciclopédico sobre a temática paixão na adolescência, amor impossível, para motivar/sensibilizar à leitura do conto;

✔Conhecer a biografia da autora Marina Colasanti.

Procedimentos metodológicos:

Exibir aos alunos parte do filme “Crepúsculo” e discutir sobre o assunto da paixão na adolescência, do amor impossível, que é uma das temáticas do conto a ser lido. Entregar e ler com os alunos a biografia da escritora do conto. Após, apresentar o livro onde o conto a ser lido está publicado, chamar a atenção dos alunos de que se trata do mesmo livro em que se encontra o conto “No aconchego de um turbante”. Em seguida, expor o nome do conto a ser lido e instigar os alunos a fazer previsões sobre o que será “narrado” nele.

b) Atividade: leituras

Tempo: 3 aulas

Objetivos:

✔Desenvolver e ampliar estratégias de compreensão do texto literário;
✔Reconhecer o texto literário como fonte de aprendizagem crítica e prazer estético;
✔Compartilhar experiências e interpretações leitoras;
✔Aprofundar os conhecimentos sobre estrutura e elementos da narrativa.

Procedimentos metodológicos:

Entregar cópias do conto aos alunos para que realizem a leitura individualmente. Organizar os alunos em círculo e socializar o conto lido. Neste momento, todos podem se inscrever para falar, argumentar, dar opinião, contribuindo para o entendimento mais amplo do texto. O professor auxiliará chamando atenção para aspectos presentes no conto: discurso direto, indireto, voz do narrador, personagens.

c) Atividade: leitura e produção

Duração: 2 aulas

Objetivos:

✔Desenvolver e ampliar habilidades de escrita coesa e coerente;

✔Socializar experiências e interpretações leitoras.

Procedimentos metodológicos:

Propor que cada aluno escreva suas impressões sobre a leitura do conto “Com certeza tenho amor”. Cada aluno revisará e reescreverá seu texto com o auxílio do professor.

d) Atividade : leitura e produção

Tempo: 4 aulas

Objetivos:

✔Desenvolver e ampliar estratégias de compreensão do texto literário;

✔Desenvolver estratégias de interpretação;

✔Compartilhar experiências e interpretações leitoras;

✔Aprofundar conhecimentos sobre estrutura e elementos da narrativa;

✔Produzir desfecho de um conto em duplas, ampliando as habilidades de escrita coesa e coerente de acordo com o gênero textual.

Procedimentos metodológicos:

Explicar aos alunos que foi retirada uma parte do conto com a intenção deles fazerem em dupla uma versão coerente. A nova versão escrita será uma atividade de releitura e de produção. Destacar aos alunos que a intenção é criar uma nova versão coerente com o que conhecem da história. Neste momento, o professor auxiliará as duplas chamando atenção para aspectos presentes no conto: narrativa em 3ª pessoa; presença ou não de diálogos. As dúvidas levantadas pelos alunos serão socializadas e debatidas. Cada dupla revisará e reescreverá seu texto com o auxílio do professor. Após, leitura oralizada das novas versões.

e) Atividade : leitura e interpretação

Tempo: 6 aulas

Objetivos:

✔Desenvolver e ampliar estratégias de compreensão do texto literário;

✔Desenvolver estratégias de produção;

✔Reconhecer o texto literário como fonte de aprendizagem crítica e

prazerosa;

✔Socializar experiências e interpretações leitoras;

✔Aprofundar conhecimentos sobre estrutura e elementos da narrativa.

Procedimentos metodológicos:

Leitura, interpretação e registro. Leitura do texto feita pelo professor. O texto escolhido é o conto *com certeza tenho amor*, do livro *23 histórias de um viajante*. Debate sobre o tema amor impossível apresentado durante a leitura do texto. Cada estudante revisará e reescreverá sua produção com o auxílio dos colegas e do professor.

4.2.3 A Lenda do Boto

a) Atividade: leitura e produção

Tempo: 4 aulas

Objetivos:

✔Experimentar a vivência das emoções do ouvir/contar histórias sobres lendas;

✔Entregar uma tirinha de papel para os alunos completarem a seguinte frase: “Para mim, ouvir e contar lendas faz bem porque...”;

✔Montar, com a colaboração dos alunos, um painel com as tirinhas preenchidas.

Procedimentos metodológicos:

Exibir o vídeo a lenda do boto que está disponível no site: *<https://www.youtube.com/watch?v=ZmTfpnymRmI>.*

Conversar sobre as impressões dos alunos. Em seguida, entregar a lenda impressa para que eles façam suas leituras e indagações. Após, discutir a temática gravidez na adolescência.

b) Atividade : leitura e compreensão

Tempo: 3 aulas

Objetivos:

✔Desenvolver e ampliar estratégias de compreensão do texto literário;

✔Desenvolver estratégias de previsão;

✔Reconhecer o texto literário como fonte de aprendizagem crítica e prazer estético;

✔Compartilhar experiências e interpretações leitoras;

Procedimentos metodológicos:

Entregar cópias da lenda aos alunos para que realizem a leitura individualmente. Após a leitura, reunir grupos de três ou quatro alunos e solicitar que discutam sobre a temática apresentada. Pedir que destaquem parágrafos ou pequenos trechos que consideraram de difícil compreensão e os copiem em tiras de papel (marcando número do parágrafo e respectiva página para facilitar a localização). O professor recolherá estes papéis e os distribuirá a um grupo diferente para que compreendam os trechos apresentados pelos colegas. Sentado em círculo, cada grupo socializará com a classe sua compreensão dos trechos destacados por outro grupo. Neste momento, todos podem se inscrever para dar suas opiniões.

c) Atividade: produção textual

Tempo: 2 aulas

Objetivos:

✔Desenvolver e ampliar habilidades de escrita coesa e coerente no gênero: lendas;

✔Socializar experiências e interpretações leitoras.

Procedimentos metodológicos:

Propor que cada aluno escreva suas impressões sobre a leitura da lenda do boto. Cada aluno revisará e reescreverá seu texto com o auxílio do professor. Motivação para a leitura do próximo conto: ao final da aula, entregar ao aluno a próxima lenda a ser estudada: Mãe D'água.

d) Atividade: leitura e produção

Tempo: 4 aulas

Objetivos:

✔Desenvolver e ampliar estratégias de compreensão do texto literário;

✔Compartilhar experiências e interpretações leitoras;

✔Aprofundar conhecimentos sobre figuras de linguagem;

✔Produzir uma lenda, ampliando as habilidades de escrita coesa e coerente;

Procedimentos metodológicos:

Pedir aos alunos que escrevam uma lenda com a intenção de produzirem uma versão criativa. A nova versão escrita por eles será uma atividade de produção que fará parte da coletânea de lendas. Neste momento, o professor auxiliará os alunos chamando atenção para aspectos presentes na lenda: narrativa em 3ª pessoa; presença ou não de diálogos. As dúvidas levantadas por eles serão socializadas e debatidas. Cada aluno, como autor, revisará e reescreverá seu texto com o auxílio do professor. Relembrar e socializar características sobre lenda.

e) Atividade: leitura e interpretação

Tempo: 6 aulas

Objetivos:

✔Desenvolver e ampliar estratégias de compreensão do texto literário;

✔Desenvolver estratégias de produção;

✔Reconhecer o texto literário como fonte de aprendizagem crítica e prazerosa;

✔Socializar experiências e interpretações leitoras;

✔Aprofundar conhecimentos sobre estrutura e elementos da narrativa.

Procedimentos metodológicos:

Leitura, interpretação e produção. Leitura do texto feita pelo professor. O texto escolhido é a lenda do boto, extraída dos relatos dos ribeirinhos da Amazônia, e em especial, dos moradores de Santarém, oeste do Pará. Após isso, será feito um debate sobre gravidez na adolescência e assédio sexual.

Cada estudante revisará e reescreverá sua produção com o auxílio dos colegas e do professor.

4.2.4 A Lenda da Mãe d'Água

a) Atividade: leitura e produção

Tempo: 4 aulas

Objetivos:

✔Experimentar a vivência das emoções do ouvir/contar histórias sobres lendas;

✔Montar, com a colaboração dos alunos, um painel com as tirinhas preenchidas.

Procedimentos metodológicos:

Convidar um comunitário da Costa do Tapará, município de Santarém para proporcionar uma contação de lendas. Conversar sobre as impressões dos alunos. Em seguida, entregar a lenda impressa para que eles façam suas leituras e indagações. Após, discutir a temática abandono, desaparecimento de pessoas e promover um debate sobre esses temas relevantes para a vida dos alunos.

b) Atividade: leitura e compreensão

Tempo: 3 aulas

Objetivos:

✔Desenvolver e ampliar estratégias de compreensão do texto literário;

✔Desenvolver estratégias de previsão;

✔Reconhecer o texto literário como fonte de aprendizagem crítica e prazer estético;

✔Compartilhar experiências e interpretações leitoras;

✔Aprofundar os conhecimentos sobre estrutura e elementos da narrativa.

Procedimentos metodológicos:

Entregar cópias da lenda aos alunos para que realizem a leitura individualmente. Após a leitura, reunir a sala em círculo para se fazer um

debate. Cada aluno terá sua vez para comentar suas opiniões. Todos podem se inscrever para dar sua opinião. Também o professor auxiliará chamando atenção para aspectos presentes na lenda, principalmente em relação aos temas apresentados.

c) Atividade: produção textual

Tempo: 4 aulas

Objetivos:

✔Desenvolver e ampliar habilidades de escrita coesa e coerente: escrever um roteiro;

✔Socializar experiências e interpretações leitoras;

✔Produção de um vídeo.

Procedimentos metodológicos:

Propor que cada aluno escreva um roteiro de vídeo sobre uma lenda. Cada aluno revisará seu texto com o auxílio do professor. Logo em seguida, leitura oralizada dos roteiros e apresentação dos vídeos produzidos pelos alunos.

4.3 Produto final

Objetivos:

✔Organizar um sarau na escola;

✔Socializar o vídeo e a coletânea das lendas com a comunidade escolar;

✔Transcreveremos aqui as atividades finais que seriam desenvolvidas no final do projeto, caso este não tivesse sido interrompido em virtude da Covid-19.

Procedimentos metodológicos:

Um morador da comunidade seria convidado a fazer uma contação de lendas. Essa estratégia seria desenvolvida em sala de aula com os alunos dispostos em forma circular. A atividade de produção final a ser desenvolvida seria a realização de um evento com o título “Sarau Literário”. Nesse

momento, ocorreria o lançamento de uma coletânea das produções escritas dos alunos sobre lendas regionais. A coletânea seria produzida em formato de um e-book e, também, impressa. Os alunos produziriam um microfilme intitulado "*O Boto e a Mãe d'água": os guardiões dos rios.* Finalmente, um desfile de "*cosplay"*. Como premiação de melhor *cosplay*, o vencedor receberia um *kindle* contendo a coletânea das lendas produzidas pelos alunos, o livro 23 histórias de um viajante, da escritora Marina Colasanti e livros de autores locais e nacionais.

4.4 Uma breve reflexão entre teoria e prática

Caso não tivéssemos sido impedidos pela Covid-19, este momento seria para descrever as estratégias e produções dos alunos, frutos da aplicação do projeto, cujo objetivo seria enfatizar a leitura e a escrita literárias na escola como um caminho para a formação do sujeito leitor e proficiente interpretador de textos literários, além de promover autoafirmação na vida dos estudantes e a ênfase em valorizar a cultura local.

A integração entre teoria e prática está fundamentada nas experiências vivenciadas ao longo do processo e nos pressupostos teóricos de: Cândido (1998), com caráter humanizador da literatura; Rouxel *et al*. (2013) com o olhar voltado para o leitor empírico, a realização singular do texto e a postura engajada no texto durante o processo de instauração do sujeito leitor no qual o papel do professor é fundamental; Colomer (2007) com sua visão sobre a função da escola na elaboração de um itinerário de leitura que efetive o encontro entre o aluno e o texto literário por meio da leitura compartilhada mediada por um leitor experiente; Solé (1998) com a defesa de intervenções didáticas que fomentem o desenvolvimento de estratégias de compreensão leitora; Cosson (2018) com seus estudos sobre a prática pedagógica do letramento literário; Iser (1979) e suas reflexões a respeito do texto como espaço do jogo entre autor e leitor.

Relacionando os saberes apreendidos ao longo do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e os muitos contextos vivenciados durante as aulas de Língua Portuguesa, foi possível construir em conjunto com o orientador uma sugestão de atividades que servisse de elemento

balizador para o fomento de outras estratégias sobre letramento literário, além daquelas já desenvolvidas pelos professores em suas aulas. Esse objetivo permitiu que, no processo de ensino e de aprendizagem, na perspectiva ação-reflexão-ação, houvesse um trabalho que pudesse apontar uma sugestão de atividades para ser aplicada em turmas do Ensino Fundamental II.

Afirmo que em momento oportuno esta proposta será aplicada. Digo ainda que todas as estratégias sugeridas para letrar literariamente por meio de dois contos e duas lendas são pontos de partida para aprimorarmos a leitura e escrita dos nossos alunos.

Nas estratégias que seriam desenvolvidas durante o processo metodológico da aplicação do projeto, abordaríamos a concepção interacionista de linguagem, a partir da qual o texto deve ser o eixo em torno do qual as aulas de Língua Portuguesa devem se movimentar, por isso compreendemos que a leitura constitui-se prática social remetida a outros textos e a outras leituras, em permanente diálogo exigindo o interrelacionamento de diversos conhecimentos do sujeito leitor na construção dos sentidos permitidos pelo texto.

Nesse contexto, para que o letramento literário se efetive, é necessário que o texto, em sua integralidade, seja presença constante nas aulas de Língua Portuguesa não como pretexto para ensino de eixos gramaticais, mas como tópico de estudo, visto que sua leitura é mais exigente, e, por conseguinte, uma tarefa mais complexa.

Seguindo essa reflexão, Colomer (2007) aponta que é essencial que a literatura tenha seu espaço de promover uma construção de significados que tenham relevância para a vida de quem lê um texto literário. Na realidade, ao se ler um texto nesse viés, a afetação de sentido será um marco na vida desse leitor. A autora assim argumenta,

> Um texto pode conter vazios e zonas de sombras, mas no texto literário e a elipse e a confusão foram organizadas. Como quem aprende andar pela selva notando as pistas e sinais que lhe permitirão sobreviver, aprender a ler literatura dá oportunidade de se sensibilizar os indícios de linguagem, de converter-se em alguém que não permanece à mercê do discurso alheio, e sim uma pessoa de capaz de analisar e julgar, por exemplo, o que se diz na televisão ou perceber as estratégias de persuasão ocultas em anúncio.[...] Também lemos criticamente para aprender as matizes e contradições, para que se iluminem as relações mais complexas entre os fenômenos e acontecimentos para ver o mundo de forma mais ‘inteligível’, ou seja, para sermos, em

definitivo, mais inteligentes.

A autora reforça que a formação do leitor competente ocorre a partir do exercício de leitura baseado nos elementos internos do enunciado em direção à leitura mais interpretativa, desde que raciocine para desvelar os implícitos, outros significados ou símbolos que se encontram imersos na construção textual que se concretiza pela linguagem. Dessa forma, ela sugere que se desenvolvam atividades que mobilizem no leitor a capacidade de raciocinar para compreender o que se diz na superfície da palavra.

Rouxel (2013), ao tratar da forma de se instituir o aluno sujeito leitor, propõe que, a partir das intervenções expostas durante as interações em classe, o jovem leitor seja estimulado a descrever o percurso que provocou a interpretação à qual chegou, de modo que a reflexão recaia sobre o ato léxico, e não sobre o texto propriamente dito, construindo, assim, a competência leitora.

Significa dizer que procedimentos metodológicos dessa natureza conduzem ao ensino da literatura mais voltado para a "formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção – [...], de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo" (ROUXEL *et al*., 2013, p. 20).

Considerando o pressuposto, por vezes cristalizados no meio acadêmico, de que as práticas de leitura legitimadas pela escola muitas vezes não atraem e provocam aversão à literatura, conduzindo a afirmações do tipo: os jovens não gostam de ler ou os alunos da escola pública não sabem ler, a hipótese cogitada a princípio era de que, oferecida as condições necessárias, poderiam tornar-se sujeitos críticos, reflexivos, autônomos, produtivos e capazes de se posicionarem diante da obra literária, especialmente se as leituras dialogassem com o contexto sociocultural vivenciado e discutissem temáticas consideradas relevantes para eles. E conteúdos com relevância são aqueles vinculados à experiência de vida dos alunos.

Objetivando investigar e aplicar a proposta do projeto em uma turma com 42 alunos do 9º ano de Ensino Fundamental II, seriam sugeridas diferentes estratégias de leitura (silenciosa, oral, individual, compartilhada, protocolada) efetivadas a partir de atividades pontuais; e outras de escrita

(literárias e não literárias) que permitissem ao aluno dialogar com o texto, questão fundamental da pesquisa desenvolvida.

Assim, apresentar tarefas que possibilitassem ao aluno ativar conhecimentos prévios, refletir sobre o texto escrito, desenvolver estratégias de leitura, como também em oferecer atividades práticas que inspirassem o aluno para a leitura literária de textos tidos como regionais (lendas de Santarém), não tão populares entre os jovens, foi a preocupação permanente deste projeto.

De acordo com os pressupostos que conduzem este trabalho, acreditamos que devem ser garantidas situações estimuladoras à leitura em condições especiais nas quais se sintam envolvidos e provocados a pensar, a descobrir, a olhar para o texto, para si, para o outro e para o mundo de maneira diferente a partir de suas leituras.

Essa situação configura a necessidade de se (re)pensar a maneira como a leitura do texto literário está sendo mediada nas aulas de Língua Portuguesa, bem como os objetivos e a avaliação desse ensino. Portanto, a análise, aqui apresentada, serve como ponte reflexiva acerca da experiência interventiva que seria realizada com o propósito de instituir o leitor literário autônomo e livre. Um sujeito e não um assujeitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos com um certo ar de tristeza esta seção. Tristeza pela impossibilidade de não apresentar o produto final que tínhamos proposto no projeto, uma coletânea de lendas santarenas. Uma excepcionalidade: pandemia da Covid-19 não nos permitiu. Esperamos compreensão.

A proposta era produzir uma lenda partindo das narrativas que os alunos já conheciam, de modo que trariam em seu enredo um conflito da vida humana a fim de que, num processo de ressignificação da narrativa, os jovens protagonistas escrevessem um texto e refletissem sobre a cultura de sua região, de modo a valorizá-la melhor. Para isso, a sugestão como fonte de pesquisa para a escrita literária, seriam suas reminiscências e sua imaginação ou algum acontecimento que tivessem vivenciado.

Partindo desse contexto, a coletânea de lendas santarenas, reuniria 30 textos dos jovens escritores. Ressalta -se que um colega professor, formado em Arte, Rodinei Bentes, faria desenhos de todas as produções escritas para serem organizadas no anverso de cada produção.

O produto que seria confeccionado contaria com a atuação constante da turma inteira (42 alunos), pois a nossa intenção seria fazer a inclusão de todas as produções, mesmo sabendo que alguns alunos se veem incapazes de produzir porque não se sentem preparados para exporem-se a um público leitor.

Esse é um grande percalço vivenciado durante as aulas de Língua Portuguesa. Os alunos não recebem muitos estímulos em casa para trabalharem a escrita. E, ao chegarem na escola, sentem-se incapazes de se tornarem autores de suas próprias histórias. Porém, o Profletras abre horizontes na vida docente para que as teorias estudadas durante o curso encontrem embasamento no percurso de ensinar, de estimular os alunos a se tornarem proficientes leitores e grandes produtores de seus próprios textos.

Temos concordância com Solé (1998) quando afirma que o professor deve mostrar como lê e como escreve para que seu aluno conheça os segredos e desenvolva seu próprio estilo de escrita e as estratégias de leitura.

Nesse sentido, como tenho prazer pela escrita, em especial a literária,

apresentei aos alunos alguns textos da minha autoria, dentre eles "*C mentes que semeiam*", cuja produção foi reconhecida nacionalmente (2007, Projeto Viagem Nestlé Pela Literatura). Os alunos sentem-se mais inspirados quando seu professor fala das suas próprias produções.

Com essa postura, a finalidade era mostrar como fazer e fazê-los perceber que nós professores também lemos e escrevemos, incentivando-os a fazer o mesmo. Quando apresentamos nossas produções, passam a compreender melhor a proposta de escrita. Não resta dúvida de que os alunos necessitam de uma referência para se sentirem estimulados para o ato de escrever. O professor é esse referente sobre como fazer. Por isso, como expressa Colomer, nosso primeiro passo era sempre mostrar como fazer e contagiá-los pelo exemplo. O professor é uma referência para a vida do aluno. Referência de vida literária.

Ao levar em conta o processo de autoria protagonizado pela turma, é importante frisar a relevância que se dá para a valorização desses jovens como indivíduos sociais que ganham voz para proferir seus próprios discursos, ao seu modo, do lugar onde vivem, porquanto que, mesmo tendo orientações, devem ter a liberdade de imprimir um estilo peculiar aos seus escritos, de maneira a torná-los singulares em meio a tantos plurais.

As marcas identitárias e culturais dos munícipes de Santarém (interior da Amazônia) deviam estar presentes nas narrativas que expressariam as lendas, desde a referência aos seres encantados até a presença dos rios, florestas, areia que cobrem nossa terra, sem deixar de lado os atos de encantaria e superstições que povoam o imaginário amazônico e que são tão comuns nas narrativas orais contadas por aqui. Além disso, a marca linguística que matiza e colore os textos com essas digitais do povo paraense.

Essas particularidades que seriam impressas às lendas dão referência cultural, marcando o local de onde os discursos são proferidos, enfatizando a presença do regional, sem cair no localismo redutor, e descartar o aspecto mais universal da literatura. Chegar ao produto final impresso e em formato digital é uma proposta bem inspiradora e cheia de estímulos tanto para os jovens protagonistas quanto para o professor envolvido com essa experiência.

Nossa proposta seria proporcionar aos jovens escritores um sarau santareno, no qual seriam apresentadas ao público suas produções literárias e

teriam a oportunidade de expor o processo de construção de sua obra. Durante o evento também seria apresentado um desfile de *cosplay* tendo como personagens principais o boto e a mão d'água, que seria organizado da seguinte forma: os rapazes e as moças seriam orientados a se fantasiarem com os adereços concernentes ao boto e à mãe d'água, respectivamente e fariam uma evolução característica de cada personagem.

A presença da produção literária amazônica em sala de aula estimula não somente a leitura de textos que têm a região como parte constitutiva, mas também valoriza autores e obras que versam sobre o universo do imaginário amazônico.

O diálogo entre variados textos dificilmente deixará de chamar a atenção do leitor ávido pelas teias que se podem construir a partir dos elementos textuais que, ao travarem o diálogo com outros textos, outros autores, outros personagens, outras épocas, outros mundos, ampliam o universo do leitor, seja sob a forma de um novo olhar sobre o que já se conhecia, seja uma reflexão sobre um conhecimento, ou a apropriação de um sentido reelaborado a partir de um novo dado.

É nesse sentido que a abordagem de uma obra literária da Amazônia tem que conceber o texto: como uma grande teia que estabelece relações dialógicas com outros textos, permitindo não somente a troca e a apropriação de ideias, mas fundamentalmente, a construção de interpretações mais amplas e mais fecundas. O texto com o qual se trava um diálogo tem a função de ressignificá-lo, e, para que o faça, é necessário que o leitor lance mão de informações que façam parte de seu universo cognitivo.

Por isso, esse aspecto dialógico do texto é de fundamental importância na base de qualquer proposta de leitura e ensino da literatura. Sendo assim, além da leitura do texto literário em si, do estudo de sua materialidade, procuramos primar também pelo estudo do conto, a partir de uma temática sobre a vida dos alunos. Posto que essa abordagem seria uma estratégia direcionadora de práticas pedagógicas para o ensino da literatura que tem como foco a formação de um leitor crítico e autônomo, ampliando sua competência discursiva e leitora, de modo a estimular a prática da leitura significativa para a vida dos discentes.

A metodologia de atividades organizadas em sequências, bem como os procedimentos do texto literário, na perspectiva de Cosson (2018) de modo a

possibilitar uma aprendizagem significativa para os alunos os quais em diálogo com seus colegas, seus medos e angústias, sensibilizando os alunos com a dor das personagens, olhando para o outro como seu semelhante, e promovendo humanização e sensibilidade no sentido referido por Candido (1995) porque aprendem, por intermédio da ficção, a compreender a realidade do outro a partir da palavra emancipadora que é a literatura.

Por fim, com base no pressuposto de que a leitura é, antes de tudo, um ato dialógico, penso que as práticas de leitura literária a serem desenvolvidas durante as aulas de Língua Portuguesa contribuem para a formação de um leitor mais crítico e autônomo, objetivo que essa proposta buscou ressaltar durante toda a trajetória percorrida, pois acredito que a concepção de leitor passivo e imparcial não cabe nas aulas de Língua Portuguesa e, não condiz com o momento sociopolítico que vivemos.

REFERÊNCIAS

AZULAY, Humbertyo Valente. **Wilson Fonseca: crendices e lendas amazônicas para canto e piano**. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Belém, 2012. Programa de Pós-Graduação em Artes. Disponível em: . Acesso em:.30 jan. 2021.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente-Lei nº 8.069, de 13 de julho de1990.** Disponível em: . Acesso em: 13 out. 2020.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. In. DANTAS, Vinícius. (Org.). Bibliografia de Antonio Candido: textos e intervenção. São Paulo: Editora 34, 2002.

CANDIDO, Antônio. **O Direito à Literatura**. In: CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3ª Edição. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CÂMARA CASCUDO, Luis da. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo. Global Editora, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: DCL, 2003.

COLASANTI, Marina. **23 histórias de um viajante**. São Paulo: Global, 2005.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed., 8ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

EDUCA MAIS BRASIL. Disponível em: <https://www.educadamaisbrasil.com.br/enm/arte/lenda-da-iara>. Acesso em 25 mar. 2020.

ELIADE, Mircéa. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha, C2, de 17 de março de 2006. Disponível em: < https://portal.aprendiz.uol.com.br/content/brasil-e-nacao-de-naoleitores-diz-the-economist>. Acesso em 23 jan. 2021.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Marina Colasanti.** 2021. Disponível em: <HTTPS:www.ebiografia.com.marina_colasanti/> . Acesso em 14 jan. 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que completam**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1982.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989. IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Cidades. Pará. Santarém. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/santarem/panorama> . Acesso em: 29 de março de 2021.

ISER, Wolfgang. **O Jogo do texto**. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 105-118, 1979.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura. Teoria e prática**. Campinas: Pontes/Unicamp, 1993.

LAJOLO, Marisa. **O que é a literatura?.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1982

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação**. In: LIBÂNEO, José Carlos; SANTOS, Akiko (Orgs). Educação na era do conhecimento em rede e transdiciplinaridade. 3. ed. Campinas: Alínea, 2010.

MORÁN, Emilio F. **A ecologia humana das populações da Amazônia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1990.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Amazônia 500 anos de poética do imaginário**. Editora Escrituras. São Paulo –SP.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **A poesia como encantaria da linguagem/ Hino dionisíaco ao Boto**. Ed. Cejup. Belém, 1997. Disponível em:<HTTPS://paesloureiro.wordpress.com/2007/02/26/hinos-dionisiacos-ao-boto/> . Acesso em 9 abr. 2021.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. (Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, n. 25, p. 5-17, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Contexto, 2014.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. 6ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.